

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
LICENCIATURA EM EDUCOMUNICAÇÃO

Guilherme Leutwiler

Nº USP: 11855168

Thaynara Floriano Batista da Silva

Nº USP: 9911062

Introdução sobre Educomunicação para os Movimentos Sociais:
Relatório de Intervenção Educomunicativa sobre a Elaboração, Construção e Aplicação de um
Curso Online

São Paulo

2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
LICENCIATURA EM EDUCOMUNICAÇÃO

Guilherme Leutwiler

Thaynara Floriano Batista da Silva

Introdução à Educomunicação para os Movimentos Sociais:
Relatório de Intervenção Educomunicativa sobre a Elaboração, Construção e Aplicação de um
Curso Online

Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em
Licenciatura em Educomunicação na Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
(ECA-USP), sob orientação do Professor Dr. Marciel
Consani.

Tipo: Intervenção Educomunicativa

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Leutwiler, Guilherme
Introdução sobre Educomunicação para os movimentos
sociais: relatório de intervenção educ comunicativa sobre a
elaboração, construção e aplicação de um curso online /
Guilherme Leutwiler, Thaynara Floriano ; orientador,
Marciel Consani. – São Paulo, 2025.
73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Comunicações e Artes / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Educomunicação. 2. Movimentos Sociais. 3. Curso
Online. 4. Intervenção Educ comunicativa . 5. Mediação
Tecnológica na Educação. I. Consani , Marciel. II.
Floriano, Thaynara. III. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

AGRADECIMENTOS

Quando reverenciamos e sentimos o abraço da ancestralidade, somos capazes de compreender o infinito amor. Muitas vezes, buscamos respostas na lonjura do tempo e, quase sempre, a resposta é aquilo que nos foi passado pelo primeiro colo.

Agradecemos, então, às nossas mulheres ancestrais, que trilharam e guiaram o caminho para que fosse possível sermos quem somos, aprendermos o que sabemos e amarmos o outro. São elas que, diante das provações sociais, encontraram força para que nossa vida não fosse apenas obstáculos.

Sob o abraço acolhedor de Oyá, sentimos a proteção do vento. Sob o infinito amor das mulheres de nossa família, carregamos o viver da esperança.

Em ordem alfabética: Ana Paula da Silva, Doralice de Moraes, Eliane Batista, Heloisa Leutwiler, Maria Beatriz, Maria José, Shirley da Silva e Teresa Leutwiler.

Em amor infinito: Muito obrigada!

EPÍGRAFE

“Como continuidade da tradição de rebeldia e insubmissão iniciada nos quilombos, o povo negro volta a emergir como sujeito político, rompendo o véu e destruindo a invisibilidade que tentaram inutilmente lhe impor.”

– Flavio Jorge Rodrigues (Flavinho).

“Não tenho dúvida de que a *confluência* é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo *e* outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida.”

– Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso aborda a importância da educomunicação como estratégia de transformação social por meio de uma abordagem inter e transdisciplinar, voltada para a integração da práxis em movimentos sociais. A proposta de intervenção educ comunicativa buscou criar um curso online, realizado de forma síncrona, para a introdução da educomunicação na organização, comunicação e mobilização desses movimentos. O projeto compreende os desafios de organicidade e comunicação dos movimentos sociais que comprometem as frentes de atuação dentro de espaços coletivos, dificultando a mobilização social frente às desigualdades promovidas pelo sistema capitalista. Nesse contexto, a educomunicação foi apresentada como ferramenta potencial na integração de práticas e saberes, ampliando a capacidade dos movimentos em debater questões complexas e fortalecer suas ações. A intervenção foi estruturada a partir da abordagem metodológica da área de intervenção educ comunicativa da mediação tecnológica na educação, pensada de modo a fomentar o diálogo entre as práticas dos movimentos e os princípios da educomunicação. Os conteúdos das aulas abordam conceitos como denúncia social, formação crítica, mobilização e poder popular. A estrutura deste relatório de intervenção foi dividida em capítulos que detalham a construção e realização do projeto, análise dos resultados e perspectivas futuras. Ao final, pudemos concluir que o trabalho atendeu às expectativas levantadas e consideramos a importância da continuidade do curso, corroborados pela necessidade de articular práticas educ comunicativas para o fortalecimento dos espaços de luta social.

Palavras-chave: Educomunicação; Movimentos Sociais; Intervenção Educ comunicativa; Curso Online.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 - Nuvem de palavras: meios e ferramentas de comunicação	31
Figura 2 - Divulgação do projeto (AJN).....	43
Figura 3 - Divulgação do projeto (MBP).....	44
Figura 4 - Gráfico de gênero dos participantes	48
Figura 5 - Gráfico de cor/raça dos participantes.....	48
Figura 6 - Gráfico idade dos participantes.....	49
Figura 7 - Gráfico nível educacional dos participantes	49
Figura 8 - Gráfico dos Estados dos participantes	50
Figura 9 - Gráfico de expectativas dos participantes 1	51
Figura 10 - Gráfico de expectativas dos participantes 2.....	52
Figura 11 - Gráfico de expectativas dos participantes 3	53
Figura 12 - Gráfico do grupo temático dos respondentes do formulário de avaliação	56
Figura 13 - Gráfico pergunta I do formulário	58
Figura 14 - Gráfico pergunta III do formulário	60
Figura 15 - Gráfico pergunta V do formulário	62
Figura 16 - Gráfico pergunta VI do formulário	64
Figura 17 - Gráfico pergunta VII do formulário.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJN	Agência Jovem de Notícias
APIB	Associação dos Povos Indígenas do Brasil
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CMP	Central dos Movimentos Populares
CONEN	Coordenação Nacional de Entidades Negras
CRB	Curso de Realidade Brasileira
EaD	Ensino à Distância
ECA	Escola de Comunicações e Artes
Educom	Educomunicação
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MBP	Movimento Brasil Popular
MNPR	Movimento Nacional da População de Rua
MNU	Movimento Negro Unificado
MST	Movimento
MTD	Movimentos dos Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos
MTE	Mediação Tecnológica na Educação
MTST	Movimento de Trabalhadores sem Teto
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	13
1.1. O papel da educomunicação na transformação social.....	13
1.2. Educomunicação e movimentos sociais: possibilidades e diálogos.....	15
1.3. Mediação tecnológica da educação: área de intervenção educ comunicativa	16
1.4. Descrevendo a estrutura do curso online	18
2. JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1. Importância do projeto a nível social	21
2.2. Importância do projeto a nível acadêmico	23
2.3. Fundamentação e desenvolvimento teórico das aulas	24
2.3.1. Comunicação e Denúncia Social	26
2.3.2. Contextualização e Formação Crítica	31
2.3.3. Mobilização Social e Educomunicação	33
2.3.4. O Poder Popular no Horizonte	35
3. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	37
4. METAS E INDICADORES DE AVALIAÇÃO	39
4.1. Metas do projeto	39
4.2. Indicadores e meios de verificação dos resultados	40
5. METODOLOGIA	40
5.1. Métodos e ferramentas para criação e desenvolvimento do curso	40
5.2. Cronograma de ações, atividades, prazos e responsáveis	44
6. SOBRE OS SUJEITOS PARTICIPANTES	47
6.1. Perfil dos sujeitos envolvidos no projeto	47
6.2. Análise das expectativas dos sujeitos sobre o curso.....	51
7. AVALIAÇÃO E RESULTADOS	54
7.1. Resultados do desenvolvimento do projeto	54
7.2. Resultados relacionados aos participantes	55
7.2.1. Avaliação do engajamento, aprendizado e motivação dos participantes.....	57

7.2.2. Outras avaliações qualitativas e <i>feedbacks</i>	66
8. FUTURAS APLICAÇÕES DO PROJETO	70
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada por desafios complexos que exigem abordagens integradas e não fragmentadoras do conhecimento, uma perspectiva inter e transdisciplinar para lidar com as problemáticas da realidade. Nesse sentido, a presente proposta de intervenção tem como objetivo explorar a potencialidade da educomunicação como abordagem transformadora da realidade a partir da abertura de espaços de diálogo para refletir e intervir nos processos de organização, comunicação, formação e mobilização dos movimentos sociais que buscam, assim como a educomunicação, a transformação social.

O projeto busca contribuir para a formação crítica, engajamento social e reflexão sobre a incorporação da educomunicação em espaços de militância e dos movimentos sociais de luta. Para isso, o projeto de intervenção utilizou-se da mediação tecnológica na educação para desenvolvimento de um curso online, realizado de forma síncrona, a fim de introdução da temática da educomunicação nos movimentos sociais.

A proposta almeja fomentar a compreensão e aplicação da educomunicação como uma maneira complexa de conceber as relações sociais, passando por temas como a comunicação e educação populares, a denúncia, a formação crítica e contextualizada e a mobilização social, possibilitando assim promover a transformação da realidade a partir do poder popular como horizonte de atuação.

São os movimentos sociais os grandes responsáveis pela luta e movimentação popular em prol de justiça e direitos, bem como uma importante frente combativa ao modo de ser-estar-viver do sistema capitalista. Porém, muitos desses movimentos enfrentam desafios relacionados à organicidade, à comunicação e à mobilização, como podemos observar de dentro do movimento que fazemos parte, o Movimento Brasil Popular (MBP).

Nesse contexto, identificamos que a abordagem educ comunicativa poderia se apresentar como uma possibilidade interessante para integrar saberes e práticas, numa atuação praxística, para o fortalecimento dos movimentos sociais e para resolução de problemas complexos internos dos movimentos.

Sendo assim, a partir da mediação tecnológica, organizamos, construímos e realizamos um curso online de introdução para abordar as temáticas apresentadas, como forma de abrir

espaços de diálogo entre as atuações de transformação, seja no campo social militante e/ou no campo acadêmico em que a educomunicação se desenvolve.

Cabe reforçar que este curso teve caráter introdutório, não buscando esgotar a temática, mas sim, abrir caminhos para futuras possibilidades, seja a prática da educomunicação dentro dos movimentos sociais, ou mesmo o levantamento de uma possibilidade de atuação para educadores dentro dos movimentos.

Para que possamos entender melhor a estrutura total do projeto, o trabalho divide-se em nove capítulos.

No primeiro capítulo, falaremos sobre o projeto de intervenção em si, focando no papel da educomunicação na transformação social e na abertura de possibilidades de diálogo e integração com os movimentos sociais. Também falaremos sobre a área de intervenção educacional que nosso trabalho está ancorado, a mediação tecnológica na educação, e focaremos no detalhamento da estrutura do curso online, de forma a atender os critérios do memorial descritivo.

O segundo capítulo é dedicado à justificativa do projeto a nível social e acadêmico, bem como a fundamentação teórica que embasa nossas práticas.

O terceiro capítulo corresponde aos objetivos gerais e específicos do projeto de intervenção, enquanto o quarto dedica-se a falar sobre as metas e indicadores de resultados que adotamos para a realização da avaliação da qualidade e aproveitamento do curso, ficando então o quinto focado na metodologia utilizada para a concretização do trabalho, bem como abarca o cronograma de execução das atividades.

O sexto e sétimo capítulos focam nas análises dos formulários de inscrição e de avaliação, respectivamente. Para o de inscrição, analisaremos o perfil dos participantes e suas expectativas para o curso online, já a análise do formulário de avaliação foca no engajamento, aprendizado, motivação e feedback dos participantes.

Caminhando para o final, incluímos um capítulo para pensarmos sobre futuras possibilidades de aplicação e continuação do projeto de intervenção, a fim de aproximar ainda mais os campos de atuação da educomunicação e dos movimentos sociais, e concluímos o nono capítulo com nossas considerações finais.

Por fim, o trabalho como um todo trata-se de um esforço inicial para fomentar o diálogo entre educomunicação e movimentos sociais, explorando formas integradas de construção de saberes e práticas que possam articular transformações sociais e fortalecer o protagonismo popular e a luta por direitos.

1. SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO

Este capítulo se dedica a apresentar o presente projeto de intervenção, nele, entenderemos melhor o que consideramos como o papel da educomunicação na transformação social, iniciaremos o diálogo com os movimentos sociais, levantando possibilidades de integração dos campos e práticas, falaremos também sobre a mediação tecnológica na educação, sendo a área de intervenção educ comunicativa em que se baseia nosso trabalho e por fim apresentaremos uma descrição crítica da estrutura do curso projetado, identificando os processos e memorial.

1.1. O papel da educomunicação na transformação social

O diálogo como base, a práxis como meio e a transformação social como fim. (CONSANI, 2024, p. 111). Essa frase, descrita pelo nosso professor e orientador Marciel Consani, em seu livro titulado “Educomunicação: o que é e como fazer”, nos serve de guia para entendermos melhor não só o papel da educomunicação, mas a importância de sua construção e atuação.

A semente da educomunicação surge do esforço de sintetizar os estudos e as práticas da comunicação e educação populares feitas na América Latina, o que ficou conhecido como a interface ou inter-relação Comunicação/Educação, a partir da pesquisa fundante realizada pelo professor Ismar de Oliveira Soares e colegas, e publicada em 1999.

Há diversas discussões sobre a natureza da Educomunicação: enquanto campo, área do conhecimento, paradigma ou procedimento/abordagem. Não convém que entremos nessa discussão no presente trabalho, porém, traremos algumas ideias que podem favorecer uma ou outra posição, a fim de abrir espaço para pensarmos possibilidades de entendimento do termo.

Segundo Consani, a educomunicação “poderia ser definida como uma abordagem de práticas educacionais na qual a ênfase dos processos pedagógicos e didáticos recai sobre as estratégias e recursos inerentes à comunicação social” (ibid., p. 36).

Ainda, Claudemir Viana apud Consani, considera que a abordagem da educomunicação seja identificada enquanto

[...] práticas educacionais que acontecem na fresta, na brecha do sistema em crise, que resulta do atrito entre velhas práticas e estruturas organizacionais, e as novas realidades cotidianas e seus desdobramentos, como é o que vem ocorrendo nos campos da comunicação e da educação existentes, e que desafiam todos a lidarem com o novo a partir da herança cultural que temos e no contexto social em que vivemos, manifestados em hábitos, concepções e valores” (ibid., p. 95).

Também a educomunicação pode atuar “ampliando as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo” (SOARES, 2011, p 15). Bem como faz parte de seu papel a construção de um “conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos” (ibid., p. 44).

Por fim, “a educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade. [...] Tem lógica própria, daí sua condição de campo de intervenção social” (SOARES, 2011, apud CONSANI, 2024, p. 45).

Em resumo, seja qual for a definição de educomunicação que adotemos, uma coisa podemos afirmar: não há educomunicação se não houver intencionalidade transformadora, afinal, “o compromisso educacional é, antes de tudo, político em seu sentido mais amplo” (ibid., p. 83).

Para além da definição do termo, e sem ter a pretensão de propor limites ou enquadrar a educomunicação de algum modo – afinal, o conhecimento deve ser sempre uma unidade aberta! –, gostaríamos de apontar alguns princípios que podem guiar nossa práxis educacional e que utilizamos para embasar nossa intervenção.

São eles: a abertura para o diálogo; a horizontalidade das relações e organizações; a participação social e protagonismo popular; a formação crítica, cívica e contextualizada; a autonomia dos sujeitos; a consciência da complexidade; e a busca pela emancipação e liberdade humanas.

Assim, a educomunicação como práxis orientadora das ações em sociedade mostra-se fundamental na formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes, capazes de interpretar,

problematizar e agir sobre a sua realidade de forma a buscar um horizonte de transformação social popular.

1.2. Educomunicação e movimentos sociais: possibilidades e diálogos

No contexto do presente projeto de intervenção, entendemos que a educomunicação pode ser uma abordagem interessante para o fortalecimento dos movimentos sociais, seja no âmbito da comunicação, da organização, da formação e/ou da mobilização, bem como abre espaço para a construção de soluções colaborativas para problemas complexos, algo essencial na conjuntura atual.

Os Movimentos Sociais atuam como espaços de organização política coletiva que surgem a partir de demandas de grupos sociais, com o objetivo de questionar e combater estruturas de poder que contribuem para a manutenção das desigualdades.

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Essa identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores cultural e políticos compartilhados pelo grupo. (GOHN, 2000; apud PERUZZO, 2022, p. 41).

Esses movimentos podem ter prioridades distintas, como a luta por igualdade racial, justiça ambiental, direito à moradia, direito das mulheres, entre outros. No Brasil, movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento Brasil Popular (MBP), o Movimento de Atingidos por Barragens (MAB), Movimento Negro Unificado (MNU), Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Coordenação Nacional das Entidades Negras (CONEN), Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos (MTD) e a Central de Movimentos Populares (CMP), são alguns dos que desempenham trabalhos fundamentais na luta por justiça social nos mais diversos âmbitos.

Esses trabalhos não são apenas reações a contextos de opressão, mas surgem como alternativas para modificar formas de vida, tendo como base a coletividade, o bem-estar social

e a valorização de saberes ancestrais, sendo esse último mais comum em movimentos negros e camponeses.

Os movimentos sociais realizam diagnósticos sobre a realidade social e constroem propostas de intervenção, muitas vezes atuando de forma a atenuar as desigualdades a partir da participação popular. Um exemplo concreto é o MBP, em que sua atuação se dá a partir de núcleos de trabalho como na educação, cultura, frente negra e alimentação, a partir de projetos de cursinhos populares, sambas, slams, e cozinhas populares, respectivamente.

Assim, os movimentos sociais são espaços vivos de educação política e transformação social que buscam empoderar, formar e engajar a sociedade em seu próprio processo de emancipação.

Fica evidente o cenário fértil que a educomunicação pode encontrar dentro dos movimentos, e é justamente a abertura desses espaços de diálogo que propomos ao longo do projeto de intervenção.

Integrar a abordagem educacional nos movimentos sociais pode possibilitar o desenvolvimento de práticas que articulam denúncia social (a partir da comunicação popular), formação crítica (a partir da educação popular) e da mobilização social (a partir da inter-relação comunicação/educação).

Por fim, os movimentos sociais, enquanto espaços de resistência e transformação, encontram na educomunicação uma aliada estratégica que pode potencializar sua atuação ao promover ecossistemas de comunicação horizontais, participativos, críticos e transformadores.

Explorar essas potencialidades, proporcionando aos participantes ferramentas para compreender e atuar nas dinâmicas sociais a partir da perspectiva educacional com o objetivo de enfrentar os problemas complexos da sociedade e construir alternativas ao modelo capitalista, é o que propomos enquanto caminho, e acreditamos dar – muito satisfeitos – um pequeno passo nessa direção com o presente projeto.

1.3. Mediação tecnológica da educação: área de intervenção educacional

Voltando rapidamente na construção do campo da Educomunicação a partir da pesquisa fundante do professor Ismar, gostaríamos de apontar também as áreas de intervenção levantadas

que materializam a atuação do educador, sendo elas: I) educação para a comunicação; II) mediação tecnológica na educação; III) gestão comunicativa; IV) reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação. (SOARES, 1999, p. 65).

Ainda, podemos citar mais algumas áreas de intervenção adicionadas posteriormente à pesquisa fundante, sendo: V) expressão comunicativa por meio da arte; VI) pedagogia da comunicação; VII) produção midiática para a educação; e VIII) educação socioambiental. (CONSANI, 2024).

Não convém ao presente trabalho passar por todas as áreas, mas o levantamento foi necessário para introduzirmos o presente projeto de intervenção, ancorado principalmente na Mediação Tecnológica na Educação (MTE), ou mediação educacional, como defende Consani.

A MTE, segundo Consani (2024), abarca dois conceitos importantes para o entendimento da área de intervenção em questão: mediação e mediação.

A mediação é um ato volitivo, isto é, implica intencionalidade (querer mediar), planejamento (saber mediar) e consciência dos efeitos da mediação. [...] Já a mediação pode ser definida (muito resumidamente) como o estabelecimento de uma interface midiática no âmbito de uma relação social que, no contexto educacional, é identificada com um processo didático-pedagógico. (ibid., p. 78).

Com base nisso, é possível entender que a mediação não se limita apenas a um conceito quando falamos de educação, mas abarca uma dimensão praxística, em que existe um agente determinado, com intencionalidade educativa transformadora, apropriando-se de ferramentas para sustentar a abertura de ecossistemas de diálogo, de forma a organizar e planejar a gestão comunicacional-educativa dos espaços, seja presencial ou à distância.

Essa segunda modalidade vai em direção ao outro conceito apontado por Consani, a mediação, um lugar (ou não lugar) que propicia e necessita da mediação para que haja um processo didático-pedagógico de transformação, o meio pelo qual esse processo ocorre.

Em suma: a mediação tecnológica na educação se realiza plenamente na contextualização das soluções necessárias, mercê do diagnóstico correto das demandas sociais a serem priorizadas e sem renunciar aos ideais humanistas defendidos pela instituição escolar. (ibid., p. 79).

Por fim, ancorados nessa área de atuação educacional, e tendo como base uma abordagem participativa, as ferramentas digitais serão utilizadas não apenas como meio de

transmissão de informação, mas como forma de fomentar interações, de organizar os conteúdos e de facilitar o acesso, pretendendo funcionar como um espaço de co-criação, diálogo e mobilização. Desse modo, passamos para o planejamento e estruturação do curso online, objeto do presente projeto de intervenção.

1.4. Descrevendo a estrutura do curso online

O verdadeiro valor da tecnologia advém de seu uso crítico orientado para o aprimoramento das relações na sociedade e a promoção da justiça social em todos os aspectos inclusivos. – Marciel Consani, 2024

Ao pensarmos em maneiras de integrar educomunicação e movimentos sociais de maneira educ comunicativa, surge a ideia de construção de um minicurso, ou de um curso introdutório sobre o tema.

Inicialmente, foi levantada a ideia de criar um curso introdutório presencial, utilizando o espaço do MBP. Porém, o contexto de execução do presente trabalho de conclusão de curso esbarrou em alguns acontecimentos externos que tomaram conta da militância e dos movimentos sociais, principalmente a eleição municipal. Dessa forma, optou-se então pelo formato online, convencionalmente chamado de “EaD”.

Assim, a escolha do curso online enquanto projeto de intervenção educ comunicativa foi pensada levando em conta, principalmente, a questão do acesso, a fim de garantir a participação do público-alvo do projeto (militantes e educ comunicadores).

Levantado esse primeiro ponto, partimos para a construção do curso em si.

O desenho básico do curso foi pensado para acontecer em quatro aulas, sendo realizada uma aula por semana. A duração das aulas foi prevista para 90 minutos, ou uma hora e meia.

Utilizamos como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) a ferramenta do Moodle Extensão da USP¹, disponibilizando materiais escritos, como artigos, livros e revistas, e materiais em audiovisuais, como vídeos e podcasts.

¹ O Moodle Extensão da USP é uma plataforma de Ensino a Distância utilizada pela Universidade de São Paulo (USP) para cursos de extensão, baseado no sistema Moodle. O Moodle Extensão oferece recursos didáticos, permitindo que os participantes tenham acesso remoto a conteúdos e atividades educacionais. Ainda, é voltado para cursos abertos à comunidade, promovendo a disseminação do conhecimento produzido pela Universidade.

Com base no que observamos de dentro dos movimentos, optamos por intervir a partir de temas como denúncia social, formação e mobilização, uma vez que os consideramos essenciais para a construção da força popular, e, que identificamos algumas dificuldades na formulação e organização dessas temáticas.

Dessa forma, estruturamos a primeira aula com o tema “Comunicação e Denúncia Social”, abordando questões da comunicação popular e horizontal e da apropriação dos meios e mídias voltados para a denúncia, que vai além da informação pela informação. Também propusemos uma atividade prática em grupo, a ser apresentada na última aula.

A atividade prática consistia numa divisão de grupos por afinidade de temas, em que os temas eram: I) luta indígena; II) luta do campo; III) luta quilombola; e IV) luta urbana. A proposta era que os participantes se dividissem e pensassem em conjunto uma problemática sobre o tema escolhido, e fizessem uma análise de comunicação, entendendo as formas e possibilidades de denúncia sobre o tema, contextualizando o tema de forma crítica e propondo formas de mobilização social e engajamento popular para a atuação na problemática. Buscamos, com isso, apontar o caráter praxístico da educomunicação, uma forma de materializar os conceitos e teorias apresentados nas aulas, a fim de complexificar o debate e caminhar em direção à atuação transformadora.

A segunda aula teve como tema “Contextualização e Formação Crítica”, abordando a questão da formação dos sujeitos a partir do prisma da educação popular, da complexidade e da criticidade, também relacionando com a primeira aula, em que é necessário contextualizar a denúncia e formar criticamente a base popular dos movimentos sociais a partir da apropriação da comunicação.

Para a terceira aula, abordamos o tema “Mobilização Social e Educomunicação”, aqui, recapitulamos as duas primeiras aulas e tentamos fazer a integração delas, de maneira a chegarmos na mobilização a partir do engajamento dos sujeitos tanto na sua própria formação, quanto na sua atuação para a transformação social. Também foi o momento de aprofundarmos um pouco a temática da educomunicação e as suas possibilidades de atuação nos movimentos sociais.

Por fim, a quarta aula, intitulada “O Poder Popular no Horizonte”, foi dedicada a conversar com os participantes a partir da apresentação da atividade final. Após as

apresentações dos grupos, buscamos apresentar todos os aspectos que o curso abordou de uma forma integrada, pensando no conjunto dessas formulações como um caminho para o poder popular, um horizonte de transformação social que se dá nos trabalhos de base e que podem ter como base os temas discutidos ao longo do curso.

Compreendemos por Poder Popular a expressão da capacidade coletiva de indivíduos organizados em comunidades e/ou movimentos para intervir criticamente na sociedade, promovendo transformações estruturais e emancipatórias. Trata-se então de um processo que emerge da consciência crítica da realidade, reconhecendo suas condições de vida e as desigualdades impostas pelo sistema a que somos submetidos. Dessa forma, apontamos para um horizonte onde o poder popular se articule para construir alternativas que priorizem o bem-estar coletivo, a justiça social e a equidade a partir de trabalhos de base e do fortalecimento das relações em comunidade.

Dando sequência, para a divulgação do curso entramos em contato com o Movimento Brasil Popular (MBP) e a Agência Jovem de Notícias (AJN), que também será apresentada oportunamente neste relatório.

A divulgação foi feita a partir de um formulário de inscrição utilizando a ferramenta do Google Forms, que buscava identificar o perfil dos participantes (gênero, cor/raça, idade, escolaridade) e as experiências prévias deles sobre as temáticas da educomunicação e dos movimentos sociais. Nesse formulário também buscamos identificar as expectativas e discussões que os participantes gostariam de ter ao longo do curso, a fim de cumprir, segundo Consani (2024), a primeira meta para o desenvolvimento de um projeto de intervenção educ comunicativa: o diagnóstico preliminar da demanda.

Depois de passadas as aulas, elaboramos e enviamos um formulário de avaliação do curso com o objetivo de identificar até que ponto o curso foi proveitoso, suas limitações e suas potencialidades. A análise desse ponto será aprofundada em um capítulo específico.

Por último, mas não menos importante, a forma de comunicação que utilizamos para interagir com os participantes e para que os participantes interagissem entre si ao longo do curso foi a partir de um grupo de whatsapp, além dos próprios avisos do Moodle Extensão e da abertura de fóruns dentro do ambiente virtual.

Dessa forma, buscamos estruturar o curso de modo que não fosse apenas um lugar de transmissão de informação, mas sim, um processo de troca, compartilhamento e reflexão, onde a diversidade de perspectivas, vivências e saberes é vista como um ponto de força a ser explorado.

2. JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo é dedicado à justificativa do projeto compreendendo o nível social e acadêmico da importância do trabalho, nele, faremos a fundamentação teórica a partir das aulas aplicadas no curso, explicando nossas referências e bases teóricas na medida em que as usamos para estruturar e compor as aulas dadas.

2.1. Importância do projeto a nível social

Quando falamos sobre transformação social, é possível pensarmos sobre diversos aspectos, alguns mais objetivos, como a luta por moradia e soberania alimentar, outros mais subjetivos, como a luta pela superação do sistema capitalista.

Neste presente capítulo, gostaríamos de justificar o trabalho a partir desta segunda ideia de transformação social, uma vez que entendemos a importância das lutas sociais objetivas e pragmáticas, mas acreditamos que “sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário” (LÊNIN, 1988), prevalecendo uma ideia estratégica de organização e luta que guia as táticas, e não o contrário.

É perceptível que o modelo de vida imposto pelo sistema capitalista está enraizado nas nossas práticas e modos de ver e existir no mundo, seja pela lógica do trabalho ou pela lógica da mercantilização dos direitos humanos (sob o nome de privatizações), como do direito à saúde, da educação e alimentação, uma lógica centrada na individualidade, na competitividade e na acumulação de poder.

A imposição desse modelo de ser-estar-viver tem suas heranças na colonização, na divisão entre “selvagem” e “civilizado”, entre “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento”, e outras dualidades existentes da subjugação do outro em relação ao ‘ideal civilizatório’ da sociedade eurocristã colonial.

No entanto, essa estrutura social é um modelo fadado ao colapso, uma vez que sua relação não é com o ambiente, mas no ambiente, produtificando e precificando a natureza, tudo em nome do progresso e do desenvolvimento.

Segundo Nego Bispo (2023), isso provém da relação monoteísta eurocristã, em que “a humanidade se desconectou da natureza exatamente por ter cometido o pecado original. Seu castigo foi se afastar da natureza.” (p. 18-19).

Não à toa, temos visto cada vez mais desastres ambientais, alimentados por diversos interesses políticos, geopolíticos, econômicos e ideológicos, como enchentes, secas severas, poluição do ar, deslizamentos de terra, aquecimento das águas, embranquecimento dos corais e queima de florestas, para citar alguns exemplos, que decorrem dos desmatamentos, da expansão da monocultura e pecuária latifundiária, do garimpo, da exploração de recursos naturais de forma predatória e do uso desenfreado de combustíveis fósseis.

Nesse contexto de polícrises (MORIN, 2003; 2016), é urgente repensar e ultrapassar esse modelo colonial-capitalista-imperialista, buscando alternativas que vão em direção à coletividade, à justiça social e ao entendimento da relação intrínseca de todas as vidas com a natureza.

Assim, apontamos para a emergência de propostas decoloniais e contra-coloniais, que desafiam as estruturas de poder colonial ainda vigentes e defendem a necessidade de superar as epistemologias dominantes. Esses movimentos enfatizam a valorização de saberes locais e globais como um caminho para romper com a lógica homogeneizadora do pensamento ocidental.

Uma dessas alternativas é o conceito de Bem Viver, originado das cosmovisões dos povos indígenas de Abya Yala² (nome ancestral da América Latina). O conceito de Bem Viver propõe uma filosofia de vida que transcende a lógica do capital e privilegia o equilíbrio entre os seres humanos e a natureza, a coletividade e o respeito à diversidade cultural, apresentando-se como um paradigma que busca restaurar relações mais justas e integradas.

² O termo Abya Yala, originário da língua do povo Kuna (onde hoje é o Panamá e a Colômbia), significa “terra madura”, “terra viva” ou “terra de sangue vital”. É utilizado por diversos povos indígenas das Américas para se referir ao continente americano antes da colonização europeia. Atualmente, o termo é ressignificado como uma forma de reafirmar a identidade e a resistência dos povos originários, destacando uma perspectiva decolonial e contra-colonial, bem como a conexão com a terra e a natureza.

O Bem Viver – enquanto filosofia de vida – é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas. (ACOSTA, 2016, p. 41).

Essa mudança epistemológica só será possível por meio da desfragmentação do conhecimento e da integração de saberes ancestrais e contemporâneos, superando a dicotomia entre ciência e tradição. É nesse ponto que a práxis educ comunicativa pode desempenhar um papel central, pois oferece uma abordagem integradora que alia comunicação e educação, promovendo o diálogo, a autonomia, o pensamento crítico e a participação social.

A educação, ao atuar como mediadora entre diferentes cosmovisões, pode fortalecer movimentos sociais na construção de soluções coletivas para problemas complexos.

Já vimos que os movimentos sociais são atores fundamentais nesse processo de transformação social, pois historicamente representam a resistência e a luta por direitos e justiça, sendo espaços vivos de produção de conhecimento e mobilização popular.

Portanto, este projeto de intervenção justifica-se a nível social na medida em que entende a importância da superação da lógica vigente na sociedade e busca, através dos movimentos sociais e mediados pela educação, abrir caminhos para pensarmos um futuro ancorado em relações coletivas, harmônicas e verdadeiramente democráticas.

2.2. Importância do projeto a nível acadêmico

A justificativa anterior também caberia, de algum modo, neste presente capítulo, entretanto, optamos por dividir as justificativas a fim de ressaltar as diversas contribuições que identificamos para o projeto de intervenção em questão.

Dando sequência, observamos que a interface entre educação e movimentos sociais é uma área ainda pouco explorada na academia. Como já anunciado nos capítulos anteriores, acreditamos que a organização dos movimentos sociais poderia se beneficiar do pensamento-ação educ comunicativo ao incorporar os seus princípios. Além disso, a própria abertura dos movimentos para a atuação do educ comunicador mostra-se como um potencial espaço de transformação.

O desenvolvimento do campo da Educom frequentemente aponta instituições de educação formal (escolas) e informal, bem como organizações privadas, públicas ou do terceiro setor como algumas possibilidades de atuação do profissional em educomunicação, enquanto a relação do campo com os movimentos sociais aparece de forma periférica na discussão sobre tais possibilidades.

Uma rápida pesquisa em portais de trabalhos acadêmicos, como o Google Acadêmico, o Scielo, o Portal Capes e a própria Revista Comunicação & Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), nos mostra que não há estudos específicos sobre a integração da Educomunicação nos movimentos sociais, sendo então um espaço interessante para o posterior desenvolvimento e aprofundamento dessa relação que julgamos bastante relevante e importante, tanto para a academia, quanto para a construção social voltada para a transformação da realidade.

Assim, embora a educomunicação e os movimentos sociais sejam temas de crescente interesse, suas interseções ainda carecem de aprofundamento acadêmico, e, se nossa pretensão enquanto educadores é a transformação da sociedade a partir da emancipação popular, ancorados no pensamento crítico, complexo, criativo e cívico, devemos atuar com e para os movimentos sociais, que se alinham com nossos ideais.

Por fim, este projeto apresenta uma contribuição relevante ao propor um diálogo direto entre esses campos, articulando teoria e prática transformadoras. Independentemente dos resultados específicos da intervenção educacional em questão, é esperado e desejado que a abertura do diálogo inspire novas pesquisas e intervenções, consolidando a educomunicação como uma abordagem central para pensar alternativas ao capitalismo e suas consequências.

2.3. Fundamentação e desenvolvimento teórico das aulas

Partimos agora para os principais conceitos, pensamentos e autores que embasam nossa discussão.

O campo da Educomunicação ou carinhosamente chamado de Educom, sob o qual esse projeto é concebido, desenvolvido e aplicado, é nossa principal referência para a construção da intervenção aqui relatada e será nosso ponto inicial.

Como já expressado anteriormente, a Educom nasce num contexto turbulento da América Latina, apresentando-se como uma abordagem alternativa às aplicações clássicas da educação e da comunicação, num esforço de integração dos dois campos a partir do prisma popular. Vimos também que a Educomunicação foi ressemantizada, enquanto conceito, a partir da pesquisa fundante do professor Ismar de Oliveira Soares³, no entanto, faz-se necessário apontar aqueles que precederam a Educomunicação (ou que a semearam para que nascesse), e que também nos dão base para construir esse trabalho, são eles: Paulo Freire (1996; 2019), a partir de sua práxis dialógica, da sua pedagogia libertadora e do papel protagonista dos educandos; Mario Kaplún (2002), a partir da comunicação popular e do papel dos meios de comunicação como mediadores do conhecimento, propondo uma comunicação horizontal e participativa; e Jesús Martín-Barbero (1997; 2014), ao explorar a relação entre cultura, comunicação e educação, destacando os processos de mediação e formação de identidades e saberes.

Essas bases foram essenciais para o desenvolvimento da Educom e nos guiaram, de certa forma, até o presente momento. Posterior a isso, temos como referência óbvia o professor Ismar de Oliveira Soares (2011), principalmente a partir de sua estruturação e anunciação da Educomunicação enquanto um paradigma orientador de processos de abertura de ecossistemas comunicativos e de sua práxis social; e nosso orientador Marciel Consani (2024), a partir de suas contribuições para a área de atuação educ comunicativa que baseia nosso trabalho, a Mediação Tecnológica na Educação, e a síntese dos princípios educ comunicativos em diálogo, mediação e transformação, que abarca os outros princípios já mencionados que servem de base para a realização do projeto.

Para além da educ comunicação, que não se limita a ser referência teórica do trabalho, mas se coloca como referência de vida e de práxis transformadora da realidade, entramos nas referências específicas que ajudaram a concretizar o presente trabalho.

³ Ismar de Oliveira Soares (1943-hoje) é um dos principais estudiosos e responsáveis pela sistematização do conceito de Educomunicação no Brasil. Fundador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP, criado em 1996, Soares consolidou o NCE como um centro de referência internacional em estudos e práticas voltados à interface entre comunicação e educação. Sob sua liderança, o NCE desenvolveu pesquisas que fundamentaram políticas públicas, como o Programa Educom.Rádio, em parceria com a Prefeitura de São Paulo, e a disseminação da Educomunicação como campo acadêmico e de intervenção social.

Além disso, colaborou com projetos nacionais e internacionais de formação e políticas públicas, e é autor de diversos livros e artigos científicos que consolidaram a Educomunicação como um campo interdisciplinar, reconhecido por suas contribuições teóricas e práticas na promoção do diálogo entre mídia, educação e cidadania.

Preferimos fazer nossa fundamentação teórica específica a partir das aulas dadas no curso, uma vez que foram essas referências que embasaram nossa construção e elaboração, dessa forma, passamos à fundamentação a partir de cada aula.

2.3.1. Comunicação e Denúncia Social

A primeira aula intitulada “Comunicação e Denúncia” foi estruturada para explorar a comunicação como ferramenta de expressão, denúncia e transformação social.

Estruturamos a aula de modo com que a primeira atividade coletiva fosse uma “mística”, uma prática utilizada por movimentos sociais para relembrar os motivos pelos quais nós lutamos.

A mística foi parte da construção de cada aula, em que para cada uma, escolhemos expressões culturais e artísticas que buscam promover a sensibilização para compreender a motivação do tema que vamos abordar. No contexto acadêmico, a mística se relaciona à sensibilização, baseada na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2008).

A Abordagem Triangular possui uma importância *sui generis* (única) para o ensino das artes, ela abrange os três aspectos principais da compreensão artística: o ver arte, o fazer arte e o decodificar, em que esses elementos correspondem às dimensões da leitura, produção e contextualização artística (id., 2008). Essa sensibilização, da percepção dos alunos, ainda segundo Barbosa, vem a partir da relação direta e emocional com a obra de arte ou do fenômeno cultural estudado.

Para sensibilizar os sujeitos nessa primeira aula, apresentamos a música “Zé do Carço” (1978), composta por Leci Brandão. A história da música tem como inspiração o comunicador Mendes, apelidado de Zé do Carço e morador do Morro Pau da Bandeira, localizado na Vila Isabel, Rio de Janeiro. A fim de informar a população sobre as notícias, eventos e outras coisas que ocorriam durante a ditadura militar, Mendes instalou um sistema de som na laje de sua casa, sendo posteriormente denunciado pela esposa de um militar que morava na Vila Isabel e não suportava a dimensão da comunicação popular exercida por Mendes.

*“E na hora em que a televisão brasileira
Distrai toda gente com a sua novela*

*É que o Zé põe a boca no mundo
 E faz um discurso profundo
 Ele que ver o bem da favela
 Está nascendo um novo líder
 No morro do pau da bandeira”
 – Brandão, 1978.*

A partir da sensibilização avançamos para a análise do impacto do contexto cultural e ideológico no processo de manutenção social, mostrando como esses fatores moldam as mensagens e influenciam sua interpretação. E como a comunicação popular e horizontal nasce a partir da abertura de espaços de diálogo.

Em seguida, abordamos a comunicação de um modo amplo, entendendo primeiramente sua forma (horizontal ou vertical), em que segundo o modelo matemático da comunicação (SHANNON; WEAVER; 1975), temos o emissor enquanto a fonte da mensagem e o receptor enquanto o destinatário da informação, o que gera um modelo vertical de comunicação, que não é o que queremos focar e construir. Apontamos então uma comunicação horizontal como principal forma de entendermos e aplicarmos a comunicação no nosso cotidiano, entendendo os papéis do receptor e do emissor enquanto papéis fluidos, em que um é também o outro, uma comunicação caracterizada por ser dialógica e interativa, em que há troca mútua e contínua de informações, ideias e/ou sentimentos, sem hierarquias fixas.

O ‘emissor-receptor’ (educador) envia e recebe mensagens, da mesma forma que o ‘receptor-emissor’ (educando) as recebe e as envia. No intercâmbio de seus papéis, emissores e receptores enriquecem e valorizam seu processo de auto-realização. (GUTIÉRREZ, 1988, p. 75).

Após essa primeira apresentação da comunicação, partimos para o entendimento do que é de fato comunicação, ancorada na linguagem, que segundo Maturana e Varela (2021), é tudo que conhecemos e pelo qual conhecemos.

“Toda reflexão [...] ocorre necessariamente na linguagem, que é nossa maneira particular de ser humanos e de estar no fazer humano” (id., 2021, p. 32).

Apresentamos então a linguagem como uma construção social que busca traduzir a realidade e dar sentido (significado) a ela a partir de códigos e símbolos (significantes), e para isso, foi introduzido o pensamento de Bakhtin (2006) sobre signos e a ideologia que eles

carregam, enfatizando que palavras, expressões e símbolos contêm significados ideológicos que refletem relações de poder e interesses de determinados grupos sociais, muitas vezes fazendo sua manutenção de poder através da linguagem. Nas palavras do autor,

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um ‘horizonte social’. (BAKHTIN, 2006, p. 17).

Um exemplo prático apresentado foi a diferença entre os termos “invadir” e “ocupar”, frequentemente associados às ações do MST. A escolha do “invadir” é ideológica, pois demonstra uma discordância em relação às ações do movimento, atribuindo uma ideia de roubo e infração de leis, o que não é socialmente bem aceito. Enquanto a palavra “ocupar” conota um sentido de apropriação de um bem que não está sendo usado, que no caso em questão refere-se à função social da terra determinada constitucionalmente, logo, atribui uma ideia de utilização daquele espaço para cumprimento das funções sociais.

A disputa por palavras não pode ser considerada apenas uma questão linguística, uma vez que é política, porque tem influência direta em como os sujeitos percebem o mundo e se percebem no mundo. Essa perspectiva da comunicação sendo usada para controle social e manutenção de poder através da ideologia é também reforçada por Nego Bispo (2023), quando aponta que

Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (p. 12).

Nego Bispo⁴, bastante crítico da colonização e autodeclarado contra-colonial, uma vez que não foi colonizado, pois seu povo resiste e resistiu em quilombos, evidencia esse aspecto

⁴ Nego Bispo, pseudônimo de Antônio Bispo dos Santos (1959-2023), era escritor, pensador, agricultor, lavrador e liderança quilombola do Quilombo Saco-Curtume, localizado no estado do Piauí, Brasil. É reconhecido como uma das principais vozes do pensamento contra-colonial no país, ele combina sua vivência como quilombola com reflexões profundas sobre a história, a política e a epistemologia dos povos africanos e indígenas no Brasil. Seu trabalho critica o colonialismo e a modernidade ocidental, destacando os saberes ancestrais e comunitários como alternativas aos modelos hegemônicos de desenvolvimento. Entre seus principais conceitos estão a “escrevivência” que une escrita e oralidade; a “epistemologia da convivência”, que propõe o resgate dos modos de vida sustentados pela coletividade e pela relação harmoniosa com a natureza; e o conceito de “confluências”, que rejeita hierarquias epistemológicas e propõe o encontro de saberes em igualdade, valorizando o diálogo e a complementaridade entre conhecimentos ancestrais e contemporâneos.

do uso da denominação e da palavra para o apagamento do modo de vida e cosmologia dos seres, e para lutarmos contra isso propõe que aprofundemos nossa reflexão sobre a “guerra das denominações.

Assim, a aula segue apresentando o que Bispo entende por guerra das denominações: “o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las.” (2023, p. 13).

A defesa que Bispo faz é que devemos nos apropriar de palavras que engrandecem nossa história, uma vez que, historicamente, as palavras foram usadas para nos apequenar. Alguns exemplos que ele aponta sobre isso são

Para o *desenvolvimento sustentável*, nós trouxemos a *biointeração*; para a *coincidência*, trouxemos *confluência*; para o saber *sintético*, o saber *orgânico*, para o *transporte*, a *transfluência*, para o *dinheiro* (ou a troca), o *compartilhamento*; para a *colonização*, a *contracolonização*. (ibid., 2023, p. 14, grifos do autor).

Não exploramos todos esses conceitos na aula, mas focamos em apenas um, e que julgamos ser o mais interessante: para o desenvolvimento... o envolvimento!

O desenvolvimento vem da perspectiva ocidental de progresso acima de tudo, sendo justificado até mesmo com a destruição da natureza. A ideia de desenvolvimento em si já é bastante problemática, uma vez que pressupõe, no mínimo, um subdesenvolvimento.

O ideal do desenvolvimento dominou o imaginário das sociedades e impôs um objetivo a ser alcançado para os países do mundo principalmente no pós Segunda Guerra Mundial, alicerçados na ideia de um crescimento material infinito e no Norte Global como modelo de desenvolvimento a ser seguido.

“O desenvolvimento seria aquele alcançado pelos países ricos do Ocidente, cujo padrão as nações precisariam atingir para saírem da condição de atraso ou ‘subdesenvolvimento’”. (PERUZZO, 2022, p. 15).

Com isso, estruturou-se uma série de dicotomias: desenvolvido/subdesenvolvido, avançado/atrasado, civilizado/selvagem, centro/periferia, capitalismo/comunismo, que

Nego Bispo foi também autor de livros, palestrante, e um participante ativo em debates sobre direitos quilombolas, educação antirracista e a valorização das culturas afroameríndias, contribuindo de forma significativa para a luta pela emancipação social e pela justiça epistêmica no Brasil.

pautaram a forma de pensamento das sociedades mundo afora e que estabeleceu uma ordem mundial de busca por desenvolver-se (ACOSTA, 2016).

“Será possível escaparmos do fantasma do desenvolvimento? A grande tarefa, sem dúvida, é construir não apenas novas utopias, mas também a possibilidade de imaginá-las”. (ibid., p. 76).

Como alternativa, Bispo identifica no desenvolvimento a própria palavra “envolver”, com o prefixo “des”, conotando um “não envolvimento”, e para lidarmos com isso, propõe o envolvimento como alicerce das relações, uma vez que o envolver-se tem poder de criar conexões com a natureza, com as pessoas e na cultura, respeitando cada espaço e promovendo o bem-estar coletivo.

Dando sequência no decorrer da aula, passamos da discussão da comunicação para pensar essa comunicação horizontal e alternativa na denúncia social, que foi explorada como elemento fundamental da comunicação para os movimentos sociais. Neste contexto, a comunicação popular foi apresentada como alternativa para romper com hierarquias, uma vez que, ao promover um diálogo horizontal, deve haver participação ativa, ou seja, fala e escuta ao mesmo nível.

Entendemos comunicação popular como o povo produzindo comunicação crítica e combativa como modo de ressignificação e fortalecimento coletivo, assim, a denúncia social estaria ligada à apropriação dessa forma de comunicação para refletir e propor mudanças sobre os problemas da sociedade e da nossa realidade.

Como interação prática utilizamos o site Mentimeter, que oferece recursos interativos como a criação de nuvens de palavras, possibilitando um engajamento dinâmico em apresentações (MENTIMETER, 2024), onde os participantes contribuíram listando formas de comunicação e denúncia. Tivemos exemplos como literatura, dança, música, notícia, podcast, grafite, pintura, fanzine, redes sociais, memes, filmes, rádio, fotografia, infográficos, vídeos, televisão, entre outros, como demonstra a nuvem de palavras abaixo, criada pelos participantes.

O episódio narra abertamente como os disparos de *Fake News* são criados e manipulados em grupos de WhatsApp com dezenas ou centenas de pessoas. Ainda, a rede polariza discursos políticos radicalizando ideias falsas para que partidos políticos e grupos com maior poder aquisitivo possam continuar manipulando as ideias da população.

Também falamos sobre a manipulação da emoção nas redes a partir do estudo da *E-Motividade* (KERCKHOVE, 2015), segundo o autor, na internet somos a todo momento submetidos a um tsunami de informações, não tendo tempo para discernir sobre elas e ao mesmo tempo instigando nossa vontade de acompanhá-las. Isso reforça uma parte do cérebro instintiva do ser humano, que influencia o sistema límbico (as emoções), dessa forma, segundo o autor, isso justificaria a não-criticidade e os discursos inflamados que encontramos nas redes, inclusive sendo um cenário fértil para a propagação de *Fake News*.

A mídia social, como o Twitter em particular, pode ser comparada à amígdala, que desempenha o papel de um acelerador e determina a quantidade e o tamanho da reação emocional a um evento. Basta pensar em como o Twitter estimula os seguidores a experimentar instantaneamente uma onda de sentimentos compartilhados com a multidão. (KERCKHOVE., p. 57-58).

Ainda, essa relação que o autor aponta sobre os efeitos emocionais que as redes e mídias causam já encontram estudos recentes da psicologia, que apontam uma síndrome relacionada à ansiedade gerada pelas redes sociais, como checar frequentemente as redes em busca de mais e mais atualizações, com medo de ficar de fora dos assuntos, chamada de “FoMO”, acrônimo para *fear of missing out*. (MOURA et al., 2021).

O segundo momento da aula foi dedicado à discussão da problematização sobre a comunicação poder ser alterada e compreendida de diversas formas, tanto para transformação social quanto para interesses individuais. Dessa forma, foi introduzido o pensamento de Paulo Freire sobre a leitura crítica do mundo, indicando como o conceito pode auxiliar diretamente na compreensão contextualizada do mundo e no combate às *Fake News*, a partir da educação crítica, popular, autônoma e transformadora. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 11).

A educação popular e a formação crítica dos sujeitos foram então apresentadas como ferramenta de transformação social, pois entende-se que para que seja possível questionar e analisar informações sobre a realidade, é necessário contextualizá-las e formar sujeitos críticos

capazes de contextualizar. Logo, saber sobre algo sem explorar a questão histórica, social e cultural, não configura conhecimento sobre tal.

“O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber” (MORIN, 2003, p. 16).

Assim, se contextualizar é entender a informação dentro do seu contexto e se a formação crítica permite questionar e agir sobre as informações, a educação e comunicação (e sua inter-relação) podem promover mudanças sociais a partir da luta por uma comunicação ética, que começa com a ação coletiva.

Portanto, a educação, a partir de uma abordagem crítica, permite a conexão das informações com um contexto além daquilo que pode ser apresentado em notícias apelativas e vídeos curtos de redes sociais. A partir dessa perspectiva, a educação supera o limite da transmissão de conteúdo e se torna um processo dinâmico de construção do conhecimento, com diálogo, troca de experiências e uma compreensão histórico-cultural do tema.

Por fim, encerramos a aula abordando mais uma vez a atividade final, a fim de sanar dúvidas e dar alguns exemplos, já pensando nas duas temáticas principais abordadas nas aulas.

2.3.3. Mobilização Social e Educomunicação

A terceira aula teve como objetivo refletir sobre a importância da mobilização social na transformação da realidade, a partir da atuação da educomunicação nos espaços de ação política.

Iniciamos a formação com a sensibilização, a partir da exibição do vídeo “Movimentos sociais para mudar o mundo” (CASTELLS, 2024), disponível no YouTube.

O vídeo destaca a importância do trabalho dos movimentos sociais para a sociedade contemporânea. Durante sua fala, o sociólogo analisa a comunicação como primordial para os movimentos populares, pois permite o grande alcance de emoções e ideias para mobilizações contra injustiças sociais ao redor do mundo. Para ele, o verdadeiro poder de mudança está com os movimentos sociais, pois pautam lutas que os partidos políticos muitas vezes só questionam posteriormente.

Após a exibição do vídeo, relembramos a relação entre comunicação e educação, denúncia e formação, discutindo como a denúncia deve ser acompanhada de uma formação crítica e contextualizada para que essa informação se transforme em conhecimento. A construção do conhecimento é abordada em seguida, enfatizando que a comunicação deve ser contextualizada e formativa, evitando informações descontextualizadas.

A partir desse ponto, discutimos o que são movimentos sociais e como o termo não se limita ao ato de protestar, mas também de organizar, educar e envolver sujeitos incomodados com as desigualdades.

A mobilização social envolve não apenas o ato de protestar, mas também de organizar, educar e envolver as pessoas na luta por uma causa. A mobilização é abrangente, incluindo métodos como o diálogo, recrutamento de aliados e a construção de uma base social sólida.

Mobilizar é também um modo eficaz de ativar a participativa social, pois permite que as pessoas se envolvam diretamente no processo político, desafiando as estruturas de poder estabelecidas.

“Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”. (TORO, 1997, p. 11).

Assim, a comunicação e a educação populares têm um papel fundamental na formação e organização de militantes, garantindo a compreensão sobre as causas que estão lutando e agindo ativamente para que mudanças aconteçam, aliando teoria e prática, para uma práxis transformadora.

Para a mobilização social, outro ponto importante destacado foram as emoções e as artes como ferramentas de articulação política, pois trabalham os sentimentos dos sujeitos e seus desejos. Ponto corroborado também por Toro (1997) quando anuncia o processo de mobilização social.

Um processo de mobilização passa por dois momentos. O primeiro é o do despertar do desejo e da consciência da necessidade de uma atitude ou mudança. O segundo é o da transformação desse desejo e dessa consciência em disposição para a ação e na própria ação. (p.67).

Foi também dedicado um tempo a falar especificamente do campo da Educomunicação, já fundamentado no presente trabalho, apontando seus princípios, práticas e áreas de atuação como forma de mostrar o processo educ comunicativo desenvolvido ao longo do curso ao

interrelacionar as temáticas. A Educom pode assim contribuir para além da abordagem metodológica, como um processo contínuo de construção coletiva, horizontal, crítica, autônoma e dialógica, fortalecendo os ecossistemas comunicativos.

Esses ecossistemas promovem a inclusão de sujeitos diversos, especialmente de grupos historicamente marginalizados, valorizando as experiências culturais, sociais e emocionais de diferentes contextos. Portanto, a educomunicação potencializa a integração da comunicação, da educação, da arte e da tecnologia numa abordagem participativa.

2.3.4. O Poder Popular no Horizonte

Entrando na nossa quarta e última aula, iniciamos mais uma vez com a mística, utilizando o trecho do vídeo “Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola” (2024, até 5:18), disponível no YouTube.

O vídeo é o ponto de partida para a discussão sobre a conexão dos saberes ancestrais com as lutas sociais contemporâneas.

Na introdução, retomamos as discussões das primeiras três aulas, destacando a importância do protagonismo coletivo nas conquistas sociais e o poder popular como objetivo estratégico na luta pela transformação social. A partir da integralidade das lutas, a diversidade atua como uma força unificadora nas mobilizações sociais.

Partimos para a apresentação da atividade prática realizada pelos grupos temáticos, divididos em Quilombos, Campo, Indígenas e Cidade. Cada grupo teve 15 minutos para trazer suas reflexões.

O grupo da Luta Quilombola não conseguiu se organizar para trazer suas perspectivas acerca do tema, e por acompanhar os grupos e identificar a questão, deixamos preparada uma discussão sobre o impacto da energia eólica sobre os animais que vivem no topo das montanhas na Caatinga, já que os parques eólicos são construídos em áreas de vegetação nativa onde vivem espécies raras ou ameaçadas de extinção. Além disso, a poeira aumenta nas comunidades, quando chove, os quilombolas não conseguem transitar pela quantidade de lama e a desertificação do solo também afeta as plantações.

No tema da Luta do Campo, o grupo trouxe a importância da implementação de políticas sociais que garantam a qualidade de vida da juventude rural. Destacando a forma com que o capitalismo incentiva a juventude a sair do campo em busca de melhores condições na área urbana e passam a viver sem perspectiva nas periferias.

O grupo da Luta Indígena também não conseguiu se organizar para trazer suas perspectivas acerca do tema, deixamos então preparada uma discussão a partir da importância de nos incluirmos em lutas que não nos afetam diretamente, mas fazem parte da complexidade social. Eunice Paiva, Bruno Pereira e Dom Phillips, foram destacados como pessoas não indígenas que dedicaram suas vidas à luta dos povos originários.

O grupo da Luta Urbana apresentou reflexões sobre a especulação imobiliária que movimentava a Cracolândia para baratear a venda de prédios no Centro de São Paulo, tornando uma questão de saúde pública, um brinquedo na mão de empresários do ramo imobiliário. A cidade, que também é marcada pela falta de áreas verdes no centro e nas periferias, limita a qualidade ambiental com a construção de prédios de fachada cinza.

Após as apresentações, a aula seguiu para a discussão sobre "Confluência Cosmológica". A partir da filosofia de Nego Bispo, a Cosmologia é o conjunto de crenças, valores e narrativas que explica a origem do universo a partir da visão de mundo de diferentes povos. E a Cosmofobia, é a rejeição às cosmologias distintas da visão dominante, ocidental e eurocentrada.

O que é a cidade? É o contrário de mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram. (SANTOS, 2023, p. 18).

A cosmofobia é responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária. A cosmofobia também é responsável pelo lixo. Por que existe tanto lixo? Porque as pessoas acumulam mais do que é necessário, e o tempo passa. Elas precisam de certa quantidade de frutos, mas compram mais que o necessário. O desperdício é um resultado da cosmofobia. A cosmofobia é a necessidade do desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade. A cosmofobia é a mesma coisa que o pecado original. (p. 27).

Para o encerramento do curso, foi lida uma poesia também de Nego Bispo, a fim de encerrarmos esse ciclo de aprendizados, compartilhamentos e confluências, ressaltando o papel

dos povos ancestrais afro-pindorâmicos, que nunca deixaram de nos ensinar sobre comunidade, identidade e resistência.

*Fogo!...Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!...Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!...Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!...Queimaram Pau de Colher..
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
que os vão cansar se continuarem queimando.*

*Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.*

- Nego Bispo (2015)

Por fim, relacionar os saberes ancestrais à justiça social é essencial para os movimentos sociais e possível a partir da educomunicação, uma vez que as práticas coletivas enraizadas nesses saberes oferecem alternativas sobre o modo de pensar e existir no mundo, abrindo caminhos para a transformação da realidade.

3. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

A partir de tudo que foi dito até aqui, é possível apontar os objetivos gerais que nos guiaram para a execução do projeto, são eles:

- I) Introduzir o tema da educomunicação nos movimentos sociais de forma a promover espaços de diálogo e reflexão de abordagens complexas para a transformação da realidade.
- II) Promover a formação crítica e o engajamento social dos participantes em contextos educativos e de militância, utilizando a educomunicação como abordagem para compreender e transformar a realidade social.
- III) Apontar possibilidades de integração de áreas e conhecimentos voltados à compreensão da realidade complexa e das formas de atuação coletivas.

- IV) Familiarizar os participantes com os conceitos e práticas da educomunicação, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para integrar esses princípios no seu cotidiano e/ou nas atividades de trabalho e/ou nos seus respectivos movimentos sociais.
- V) Estimular a integração e aplicação prática dos conhecimentos em contextos reais, potencializando processos de mobilização, organização e comunicação de forma horizontal, dialógica e democrática.
- VI) Pretendemos criar um espaço de compartilhamento, trocas e aprendizados com os cursistas, mesmo depois da finalização do curso, em que os participantes possam continuar interagindo, numa comunidade aprendente.
- VII) E, integrando todos esses pontos, objetivamos criar as devidas condições para que os participantes se apropriem dos conhecimentos e saberes propostos e compartilhados durante o curso, a fim de que consigam internalizá-los e aplicá-los no seu dia a dia.

Por fim, o curso tem como objetivo ampliar o conhecimento dos movimentos sociais em relação à educomunicação, para que os processos de educação e comunicação possam fortalecer a organização e mobilização. Compreende-se que a educomunicação e o trabalho dos movimentos sociais atuam com o mesmo objetivo, e as práticas educacionais ainda não estão inseridas na maioria dos movimentos, para isso, desenvolver o conceito e sua abordagem metodológica pode contribuir para mudanças positivas dentro das lutas sociais.

Já os objetivos específicos dividem-se em:

- I) Proporcionar aos participantes uma base sólida sobre os conceitos centrais da educomunicação e sua relação com os movimentos sociais.
- II) Oferecer ferramentas e metodologias que permitam aos cursistas incorporarem princípios educacionais em suas práticas cotidianas e nos processos de mobilização popular.
- III) Criar um ambiente de troca que valorize a horizontalidade e a colaboração, incentivando práticas participativas e reflexivas durante o curso.
- IV) Fomentar a reflexão e a ação colaborativa entre os participantes do curso.
- V) Desenvolver competências críticas para compreender e propor soluções coletivas para problemas sociais.
- VI) Desenvolver aptidões que potencializam a participação democrática, o engajamento e o protagonismo nos contextos de atuação dos movimentos sociais.

- VII) Estimular a criação de narrativas que fortaleçam a denúncia, a mobilização e a resistência em diferentes espaços sociais, promovendo mudanças estruturais.
- VIII) Garantir que, ao final do curso, os participantes estejam motivados e seguros para aplicar os conhecimentos adquiridos em suas áreas de atuação, contribuindo efetivamente para processos de transformação e denúncia social.
- IX) Desenvolver instrumentos de avaliação qualitativa, como formulários, que possibilitem captar o impacto do curso no aprendizado, engajamento e capacidade de aplicação dos participantes.
- X) Avaliar o impacto do curso nos participantes, considerando seu engajamento, aprendizado e transformação.

4. METAS E INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Neste capítulo, falamos sobre as metas que guiam o projeto e os indicadores de resultado que dão base para nossa análise dos formulários de inscrição e avaliação.

4.1. Metas do projeto

Pretendeu-se com o projeto alcançar 30 (trinta) participantes ativos e pelo menos 5 (cinco) integrantes em cada grupo temático, sendo então uma meta alcançável e possível de aferir. Também tínhamos como meta a participação de um educador e pessoas de 3 (três) movimentos sociais diferentes, e espera-se que ao final do curso esses participantes possam ter se familiarizado com o conceito de Educomunicação, bem como consigam levar alguns dos princípios do campo para sua área de atuação.

Essas metas foram atingidas pelo trabalho, sendo 50 participantes ativos no Moodle, com 16 no grupo da luta urbana, 9 na campesina, e 6 em ambos os grupos temáticos da luta indígena e quilombola. Também houve participação de dois educadores e de movimentos como o MBP, Levante Popular da Juventude e MST.

4.2. Indicadores e meios de verificação dos resultados

Foi desenvolvido um formulário de avaliação final do curso no formato Google Forms, pensado para uma avaliação quali-quantitativa que indicava os seguintes critérios: I) envolvimento/engajamento do público com o curso e se esse envolvimento/engajamento foi afetado de alguma forma pelo curso ter sido no formato online; II) qualidade dos temas propostos e da sua articulação; III) as dinâmicas propostas durante as aulas para garantir a participação e engajamento dos cursistas; IV) o quanto esses cursistas se apropriaram e aprenderam algo sobre os temas discutidos; e V) a motivação e segurança em compartilhar os temas, debates e dinâmicas.

Ainda, fizemos algumas perguntas abertas a fim de dar mais sustentância para a análise qualitativa do projeto. A primeira pergunta foi sobre o que acha que faltou no curso, a fim de entender em que ponto podemos melhorar para uma futura realização do curso; a segunda pergunta foi sobre a possibilidade dos cursistas de incorporarem os temas, dinâmicas e debates nas suas atuações como educador e/ou militante, a fim de analisarmos o quanto os cursistas ligaram os saberes e práticas à sua atuação profissional e de militância; e para a última pergunta, pedimos que eles escrevessem três palavras que poderiam resumir sua trajetória e experiência no curso e justificassem o motivo que os levaram a escolher tais palavras, a fim de conseguirmos analisar a perspectiva de cada participante sobre o processo de desenvolvimento do curso e de entender melhor qual foi sua experiência em participar do presente projeto de intervenção.

5. METODOLOGIA

Este capítulo é dedicado à relatoria da metodologia e das ferramentas que foram utilizadas para a elaboração, desenvolvimento e concretização do curso.

5.1. Métodos e ferramentas para criação e desenvolvimento do curso

A metodologia do presente trabalho de conclusão de curso baseou-se na abordagem triangular e nos princípios da educomunicação, articulando teoria e prática. A execução do curso foi planejada a partir da construção coletiva de conhecimento e na utilização de uma abordagem que sensibilize para favorecer a expressão crítica e criativa dos participantes.

O curso foi estruturado em quatro encontros virtuais, organizados em três etapas: sensibilização, formação e reflexão/discussão. Cada etapa foi organizada a partir dos objetivos específicos do projeto garantindo o alinhamento com os princípios da educomunicação.

A etapa inicial do processo foi a sensibilização, que teve como objetivo a conscientização sobre os motivos que fundamentam a luta pelo fim das desigualdades. Partindo do contexto histórico e social por meio de música, vídeos e podcast que abordaram a contextualização não apenas pela teoria, mas pela conexão emocional.

A segunda etapa corresponde à Formação, e foi dedicada ao aprofundamento teórico dos temas da denúncia, contextualização e mobilização a partir da educomunicação, com foco no desenvolvimento de reflexões e métodos que podem contribuir para as demandas dos movimentos sociais. A partir de teorias de autores que contribuem para a reflexão crítica sobre a transformação social da América Latina.

A terceira e última etapa, Análise e Reflexão, ocorreu a partir da reflexão crítica dos conteúdos apresentados e sistematizados ao longo dos dois primeiros processos. Produzindo a construção coletiva do conhecimento, integrando análise, troca de saberes e experiências e projeções de aplicações futuras.

Com duração de 90 minutos, as quatro aulas virtuais foram realizadas semanalmente às quintas-feiras, entre 28 de novembro e 19 de dezembro, sempre às 19h de maneira síncrona, por meio da plataforma Google Meet.

Para a execução do curso, utilizamos princípios participativos com o objetivo de promover a inclusão e o engajamento coletivo. Além do material de sensibilização, utilizamos o Mentimeter para interação em tempo real, criando uma apresentação de nuvem de palavras coletiva a partir de pensamentos diversos dos participantes.

O uso de plataformas digitais, como o Moodle da USP, facilitou a comunicação e a organização do conteúdo, enquanto os grupos de WhatsApp foram utilizados para o envio de atualizações rápidas e para o engajamento dos participantes. No Moodle, separamos tópicos para cada aula com informações que coletamos para o plano de aula. Após cada formação, também disponibilizamos o material indicado pelos participantes.

Para a atividade prática fizemos grupos específicos no WhatsApp para facilitar a comunicação, e abrimos fóruns dentro do ambiente do Moodle.

A fim de facilitar a análise de informações sobre as expectativas dos participantes em relação ao curso, movimentos que fazem parte e suas comunidades, utilizamos o Google Forms. A ferramenta foi funcional não só para a coleta de dados inicial e análise das expectativas sobre o curso, mas posteriormente para veicular um novo formulário, dessa vez de avaliação, que buscou averiguar se os objetivos do trabalho foram atingidos, medindo motivação, engajamento e aprendizado.

Após desenharmos o curso e criarmos o formulário de inscrição, divulgamos em redes sociais, como no Instagram e em grupos Whatsapp.

Entramos em contato com a Agência Jovem de Notícias (AJN), vinculada à Revista Viração Educomunicação⁵ para eles divulgarem o curso nas mídias, e tivemos apoio e espaço em suas redes sociais (figura 2).

Também dialogamos com o Movimento Brasil Popular (MBP), movimento social do qual fazemos parte para que ajudassem na divulgação (figura 3). Solicitamos a divulgação do formulário de inscrição e que enviassem representantes do movimento para a realização do curso. A adesão de militantes do núcleo principal do movimento foi baixa, mas outras frentes participaram.

⁵ A AJN (Agência Jovem de Notícias) é uma iniciativa vinculada à Viração Educomunicação, uma organização social que atua na formação de jovens para a produção de conteúdos jornalísticos e de comunicação. A AJN tem como objetivo principal fortalecer a voz e a atuação de adolescentes e jovens por meio do jornalismo, promovendo a participação ativa na sociedade. A Viração Educomunicação, por sua vez, desenvolve projetos de educomunicação que integram educação e comunicação, utilizando as ferramentas midiáticas como instrumentos de formação crítica, expressão e mobilização social, com foco na inclusão, cidadania e direitos humanos.

O MBP atua com cursinhos populares, e a divulgação funcionou nesse espaço. Tivemos a ampla participação do cursinho Podemos Mais⁶, além de movimentos parceiros, como o MST⁷ e o Levante Popular da Juventude⁸.



Figura 2 - Divulgação do projeto (AJN)

⁶ O Cursinho Popular Podemos Mais é um projeto educacional vinculado ao Levante Popular da Juventude, movimento social que atua com foco em juventude, educação e justiça social. O cursinho é uma iniciativa de caráter popular e gratuito, criado para oferecer preparação para os processos seletivos de universidades públicas, como o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e vestibulares, principalmente para jovens das periferias e comunidades historicamente marginalizadas.

⁷ O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) é um dos maiores e mais conhecidos movimentos sociais do Brasil, fundado em 1984, com o objetivo de lutar pela reforma agrária e pela justiça social no campo. Composto principalmente por trabalhadores e trabalhadoras rurais, o MST busca a distribuição justa e igualitária da terra, garantindo o direito à moradia, ao trabalho digno e à alimentação de qualidade.

⁸ O Levante Popular da Juventude é um movimento social brasileiro que surgiu em 2013, com o objetivo de reunir jovens em torno da luta por direitos sociais, educação de qualidade e justiça social. Fundado por ativistas e organizações da juventude, o Levante é conhecido por sua atuação política e pela defesa de uma sociedade mais democrática e igualitária. O movimento tem como base a ideia de que a juventude tem um papel central na construção de um país mais justo, e que a mobilização jovem é essencial para transformar a realidade política e social do Brasil.

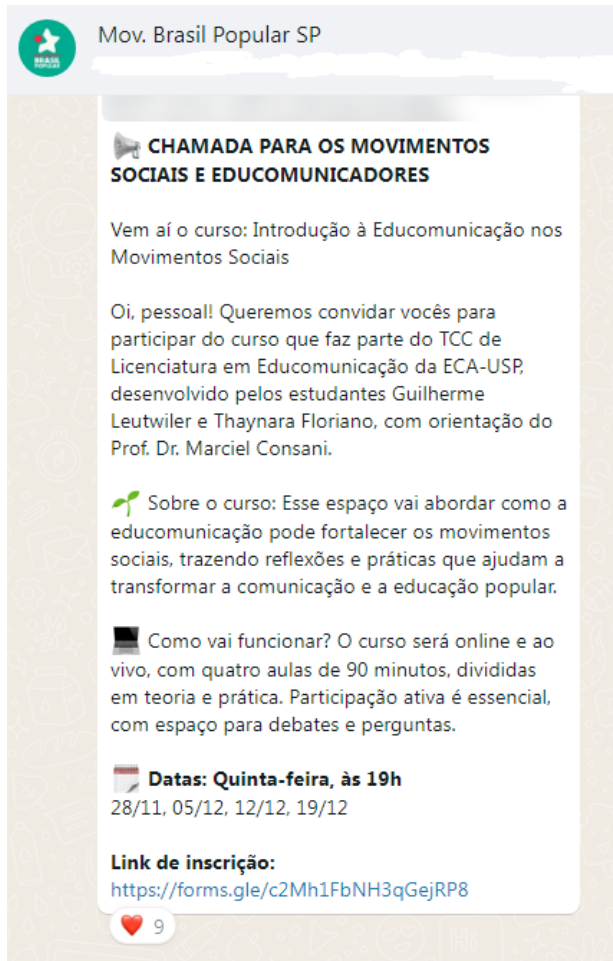


Figura 3 - Divulgação do projeto (MBP)

5.2. Cronograma de ações, atividades, prazos e responsáveis

Ação	Atividade	Realização	Responsável
Estruturação do formulário de inscrição	Definir as informações que devem ser coletadas, como dados pessoais, interesses e necessidades dos participantes	08 de novembro	Guilherme e Thaynara
Envio do formulário de inscrição	Contato com a Agência Jovem de Notícias e disparo em grupos de WhatsApp	11 de novembro	Guilherme (AJN) e Thaynara (grupos)

Análise do perfil, expectativas e conhecimentos prévios dos participantes durante o processo de inscrição	Revisão das respostas para entender o perfil dos participantes, suas expectativas em relação ao curso e seu conhecimento prévio sobre os temas abordados	23 de novembro	Guilherme
Preparação da primeira e da segunda aula	Planejamento de conteúdo, referências, slides e atividade	De 23 até 25 de novembro	Guilherme e Thaynara
Primeiros contatos com os participantes do curso	Envio de acesso ao Moodle e grupo de WhatsApp	26, 27 e 28 de novembro	Guilherme e Thaynara
Organização do conteúdo do Moodle	Inserir textos, vídeos e referências utilizadas para o plano de aula	De 25 até 27 de novembro	Guilherme e Thaynara
Encerramento do formulário de inscrição	Fechar formulário via google	27 de novembro	Guilherme
Envio de mensagem para entrar no grupo do whatsapp e grupo do Moodle	Criação do grupo de WhatsApp, preparação de texto de boas-vindas e envio para os participantes	28 de novembro	Guilherme (criação do grupo e envio) Thaynara (preparação do texto)
Primeira aula	Aplicação da primeira aula (Comunicação e Denúncia) do curso de formação	28 de novembro	Guilherme e Thaynara

Explicação da atividade final e proposta de divisão de grupos	Explicação durante a primeira aula, reforço durante a semana no grupo de WhatsApp e via Moodle	28 de novembro	Guilherme e Thaynara
Abertura de divisão de grupos no Moodle	Após a explicação foi aberto um espaço de escolha dos grupos temáticos	28 de novembro	Guilherme
Preparação da terceira aula	Planejamento de conteúdo, referências e slides	30 de novembro a 3 de dezembro	Guilherme e Thaynara
Segunda aula	Aplicação da segunda aula (Contextualização e Formação) do curso de formação	5 de dezembro	Guilherme e Thaynara
Preparação da última aula	Planejamento de conteúdo, referências, slides e atividades	9 e 15 de dezembro	Guilherme e Thaynara
Terceira aula	Aplicação da terceira aula (Mobilização Social) do curso de formação	12 de dezembro	Guilherme e Thaynara
Quarta aula	Aplicação da última aula (Poder Popular no Horizonte) do curso de formação	19 de dezembro	Guilherme e Thaynara
Estruturação do formulário de avaliação	Definir as informações a serem coletadas, como interação e engajamento, a dinâmica das atividades, motivação, etc.	21 de dezembro	Guilherme e Thaynara
Envio do formulário de avaliação	Enviar via Moodle e WhatsApp	26 de dezembro	Thaynara

Encerramento do formulário de avaliação	Avisar os participantes e fechar o formulário via google	9 de janeiro	Guilherme
Escrita do relatório final do projeto e Revisão	Redigir o relatório final, com os objetivos, metodologias, etc. Após a escrita, revisão do conteúdo	27 de dezembro à 17 de janeiro	Guilherme e Thaynara
Entrega final do TCC	Última revisão e entrega para a banca	17 de janeiro	Thaynara

6. SOBRE OS SUJEITOS PARTICIPANTES

Neste capítulo, faremos a análise do formulário de inscrição a fim de identificarmos quem eram os sujeitos participantes do curso, bem como suas expectativas para o desenrolar do curso.

6.1. Perfil dos sujeitos envolvidos no projeto

De acordo com o formulário de inscrição enviado aos participantes, tivemos 86 inscrições, porém, dessas 86, apenas 50 pessoas se inscreveram no ambiente virtual do Moodle.

Dessa forma, analisamos apenas os inscritos no ambiente virtual, uma vez que foi por meio da plataforma que conseguimos acompanhar o envolvimento dos cursistas. Dessa forma, foi possível obter o seguinte perfil dos sujeitos envolvidos no projeto:

Os participantes do curso se declararam majoritariamente do gênero feminino, representando 64%, segundo o gráfico abaixo. Também tivemos representatividade não-binária, com 6% dos participantes que se inscreveram no Moodle.

Gênero dos Participantes

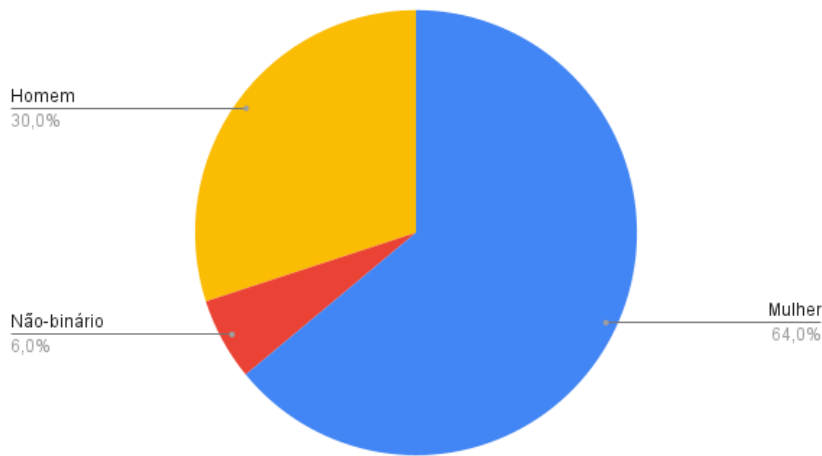


Figura 4 - Gráfico de gênero dos participantes

Também tivemos bastante representatividade em relação à Cor/Raça dos participantes, segundo o gráfico da figura 5, com 22 pessoas pretas e pardas (44%), 23 pessoas brancas (46%), também contamos com a participação de 3 pessoas amarelas, uma pessoa autodeclarada indígena e uma que não quis se identificar.

Cor/Raça dos Participantes

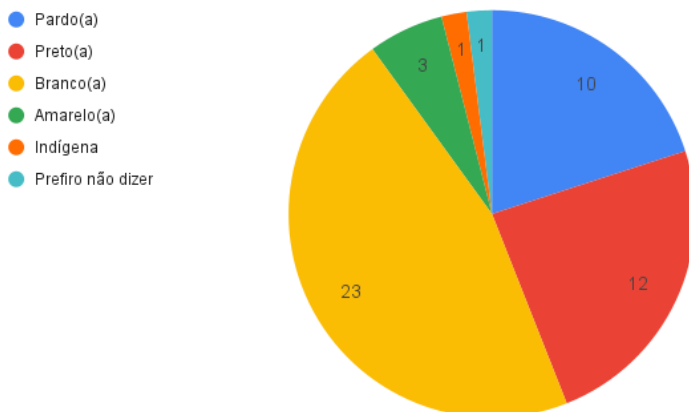


Figura 5 - Gráfico de cor/raça dos participantes

Ainda, nos surpreendemos com o envolvimento de pessoas mais velhas no curso, sendo duas com mais de 48 anos e 11 entre 38 e 47, representando em conjunto 26%. Nosso público-alvo inicial eram jovens entre 20 e 30 anos, que correspondeu a 60% dos respondentes. Entre

33 e 37 anos tivemos também uma representatividade, de 12%. Também tivemos como participante uma pessoa menor de idade.

Achamos essa variação na idade dos participantes muito interessante e inclusiva, mostrando que todos os momentos da nossa vida podem ser atravessados pela vontade da transformação social, e esperamos que cada vez mais cedo.

Idade dos Participantes

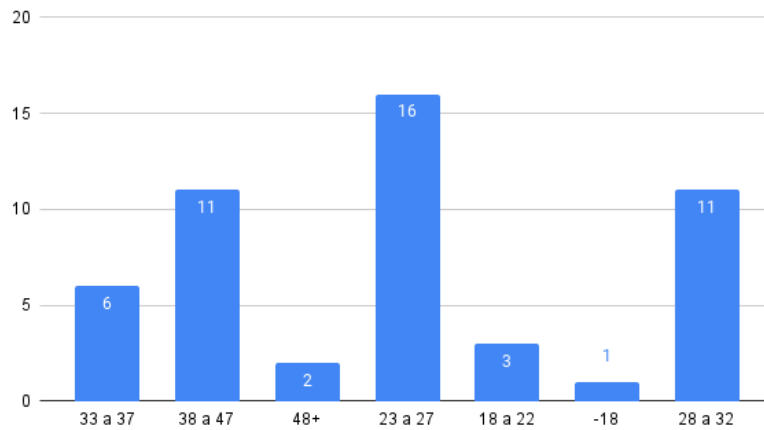


Figura 6 - Gráfico idade dos participantes

Seguindo a análise de perfil, observamos agora o nível educacional dos participantes:

Nível Educacional dos Participantes

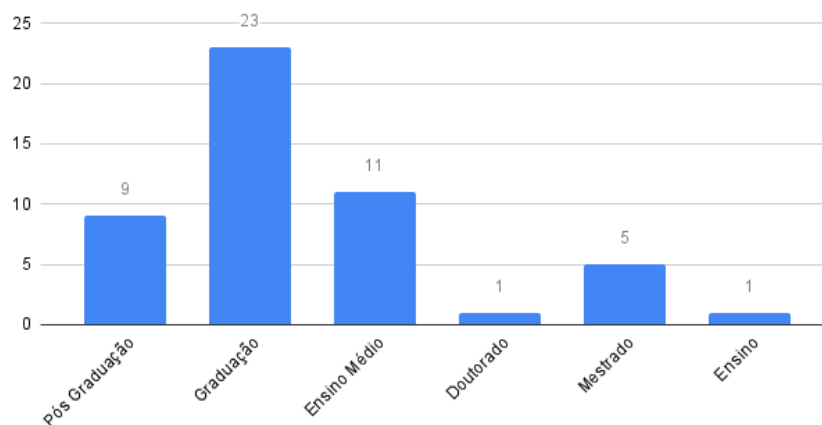


Figura 7 - Gráfico nível educacional dos participantes

Como esperado, a grande maioria (46%) é instruído a nível de graduação, com uma boa participação dos formados em alguma pós-graduação ou mestrado (28%) e uma boa representatividade daqueles que concluíram apenas o Ensino Médio (22%). Também tivemos a participação de alguém formado a nível de doutorado e, por último, uma pessoa do Ensino Fundamental, que representa a participante menor de idade.

Também fomos bastante surpreendidos pela variedade da área de formação acadêmica dos participantes, como pedagogia, matemática, jornalismo, história, geografia, letras, biologia, direito, física, psicologia, relações públicas, multimídia, etc. Entendemos esse espaço como sendo muito rico em trocas e aprendizados de diversos pontos de vista e experiências de vida, bem como torna-se um espaço essencial para pensarmos a integração dos diversos conhecimentos e saberes.

Na sequência, observamos que o formulário atingiu proporções que não imaginávamos, alcançando um total de 8 Estados do Brasil, como explícito no gráfico abaixo:

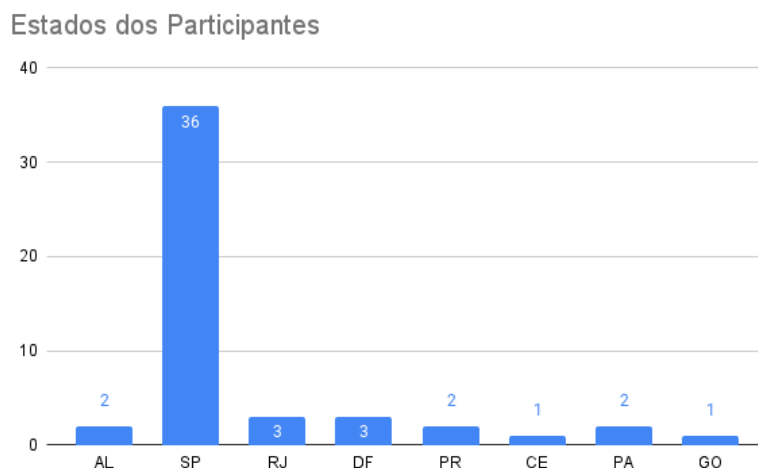


Figura 8 - Gráfico dos Estados dos participantes

Por fim, nossa ideia era um curso voltado para educadores e militantes da cidade de São Paulo, a fim de aproximar esse diálogo academia-sociedade-movimentos. No entanto, fomos surpreendidos em muitos níveis, e uma palavra que pode resumir seria diversidade.

O curso promoveu a integração de participantes de diferentes regiões do Brasil, tanto de dentro quanto de fora dos movimentos sociais, de todas as idades, etnias e formações. Essa troca amplia a compreensão da diversidade nas diferentes lutas sociais, fortalecendo a

complexidade da articulação entre as diferentes vivências. Os ensinamentos adquiridos em espaços de luta coletiva, aliados ao aprendizado acadêmico e às experiências práticas de vida, tornam-se indispensáveis para uma visão crítica e mobilizadora da realidade. A integração entre o saber acadêmico e as vivências nos movimentos sociais amplia as possibilidades de práticas mais eficazes, pois se alinha aos desafios cotidianos das comunidades. Dessa forma, o processo de aprendizagem se conecta com a vida real, viabilizando o conhecimento teórico com a experiência, criando um ciclo de troca que reforça a relevância da educomunicação e da educação popular na luta por justiça social.

6.2. Análise das expectativas dos sujeitos sobre o curso

Para complementar a análise de perfil dos participantes, levantamos também algumas perguntas relacionadas a expectativa dos sujeitos sobre o curso, em que identificamos três tipos de expectativa: relacionadas às temáticas de aprendizado (figura 9), relacionadas à aplicação prática dos conhecimentos (figura 10), e relacionadas ao desenvolvimento pessoal e profissional (figura 11).

Assim, passamos para a análise de uma por uma essas expectativas:



Figura 9 - Gráfico de expectativas dos participantes 1

Expectativas sobre os temáticas de aprendizado: a principal expectativa dos participantes está relacionada à compreensão da Educomunicação e Movimentos Sociais, demonstrando o interesse em aprender sobre comunicação como ferramenta estratégica para mobilização. Comunicação Assertiva e Educação Popular aparece em seguida, analisando pela perspectiva que a maioria dos participantes são de movimentos sociais ou da educação, a comunicação horizontal é fundamental para ampliar diálogos dentro desses espaços, pensando que a colonização nos deixou marcas de hierarquia, pelas quais entendemos as relações sociais como poder, comunicar ouvindo e sendo ouvido pode mudar completamente a forma com que compreendemos a sociedade e as necessidades do outro. Outras expectativas consideráveis incluem Políticas Públicas e Inclusão Social e Educação Antirracista, sugerindo uma demanda específica e necessária para um país que foi estruturado nas bases do racismo e ainda não oferece políticas públicas que consigam superar o problema em questão.

Temas como Combate a Fake News e Mobilização Digital e Ética e Diversidade na Comunicação também foram mencionados várias vezes, portanto, a desinformação e a promoção de espaços de comunicativos éticos e diversos são uma preocupação contemporânea, a falta de regulamentação das redes sociais faz com que o trabalho nas bases seja muito importante para a educação midiática. Por fim, a Relação entre Comunicação e Política apresenta menos menções, mas ainda é importante reiterar o interesse em compreender as intersecções entre os campos.

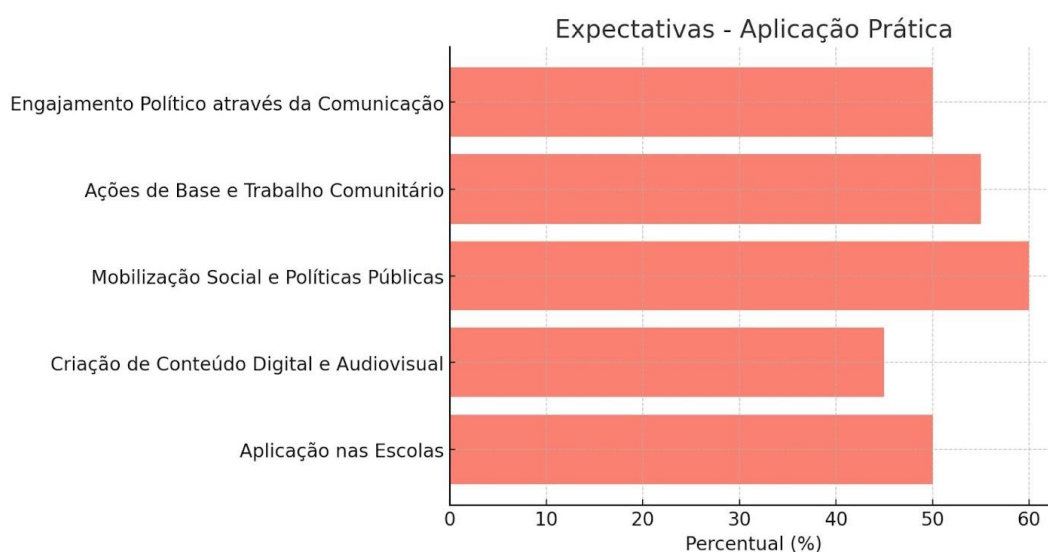


Figura 10 - Gráfico de expectativas dos participantes 2

Expectativas sobre a aplicação prática: neste quesito, o interesse de maior destaque está na Mobilização Social e Políticas Públicas, a partir da necessidade de compreender estratégias de articulação coletiva para influenciar decisões políticas. As Ações de Base e Trabalho Comunitário vem logo em seguida, apontando a motivação para fomentar ações de impacto nos territórios através de ações locais. Para o Engajamento Político através da Comunicação, o dado revela mais uma vez a comunicação como ferramenta de articulação para a amplificar o alcance de pautas políticas. A Criação de Conteúdo Digital e Audiovisual foi citada algumas vezes como recurso para alcançar mais mobilização e potencializar o alcance de notícias verdadeiras. Por fim, a Aplicação nas Escolas aparece como uma expectativa importante para participantes que atuam com educação e desejam implementar práticas educomunicativas no ambiente escolar.



Figura 11 - Gráfico de expectativas dos participantes 3

Expectativas sobre o desenvolvimento pessoal e profissional: no gráfico que aborda as expectativas relacionadas ao desenvolvimento pessoal e profissional, a maior delas está relacionada ao Desenvolvimento Pessoal e Profissional e Capacitação para Atuação em Movimentos Sociais, evidenciando que a maioria dos participantes atua ou tem intenção de atuar nos movimentos sociais. A Capacitação para Atuação em Movimentos Sociais surge como outra prioridade, indicando a importância do preparo para contribuir efetivamente com causas coletivas. A comunicação sempre aparece entre as primeiras expectativas, portanto, a Melhoria

nas Habilidades de Comunicação foi bastante mencionada, não só por ser um curso de Educomunicação, mas pela necessidade urgente de uma apropriação dos meios de comunicação, da importância da compreensão crítica de informações e de como melhorar o diálogo dentro de espaços que atuam com a transformação social.

O aprofundamento na prática de Educomunicação teve algumas menções, importante destacar que muitas pessoas acreditam que a Educomunicação seja apenas aulas online, ensino à distância, etc., o aperfeiçoamento da teoria e prática é fundamental para compreender como a Educomunicação pode atuar nos espaços de educação e mobilização social. Por fim, a Conexão com Referências Profissionais da Área e Aprimoramento da Atuação Política são mencionados como expectativas complementares, porque ampliam redes de contato para o fortalecimento de engajamento político.

7. AVALIAÇÃO E RESULTADOS

Este capítulo dedica-se a analisar os resultados alcançados no curso e a avaliação dos participantes com base no formulário de avaliação do curso e nos indicadores de resultado percorridos anteriormente. A análise relacionada aos participantes busca abranger as dimensões quali-quantitativas, elucidando sobre os níveis de envolvimento, de aprendizagem e de motivação deles, assim como uma análise qualitativa sobre a apropriação dos temas na atuação dos cursistas.

7.1. Resultados do desenvolvimento do projeto

O curso se desenvolveu da maneira com que planejamos, as aulas ocorreram nos dias e horários propostos, tiveram a duração planejada, as dinâmicas propostas foram concretizadas e houve engajamento dos participantes durante as discussões e apresentações das temáticas.

Apesar de elaborarmos um curso síncrono, a ideia original era que gravássemos as aulas, a fim de melhor analisar as participações e compartilhamento de conteúdo dos cursistas, entretanto, tivemos alguns problemas técnicos ao não conseguirmos gravar a primeira e segunda aulas, e do computador ter travado na última aula, tendo que ser feita pelo celular.

Fora essas dificuldades técnicas, tivemos alguma dificuldade na explicação e mobilização do trabalho final, muitos deles entraram em contato por Whatsapp e até mesmo durante a segunda e terceira aula para o melhor esclarecimento da proposta final, mas mesmo com as explicações e exemplificações, não houve muito envolvimento, o que acreditamos ter desmotivado a participação dos cursistas na última aula.

Uma possível explicação para essa desmotivação que também deve ser levada em consideração é a data da realização do curso, sendo a última aula realizada no dia 19 de dezembro, às vésperas das festas de Natal e Ano Novo, levando em consideração também o fechamento de ciclo nos respectivos trabalhos e estudos dos participantes, o que muitas vezes gera um desgaste.

Por fim, a avaliação geral do curso foi boa, tanto da nossa parte sobre o processo de desenvolvimento e aplicação do curso, gerando interações e participações enriquecedoras, quanto por parte dos participantes, que exploraremos no capítulo seguinte.

7.2. Resultados relacionados aos participantes

Como apontado pelos indicadores, os resultados sobre os participantes serão analisados em duas partes, uma quali-quantitativa, em que tentamos mensurar o engajamento, aprendizado e participação, e outra de forma apenas qualitativa, em espaços de perguntas abertas.

Apesar de termos inscrito no ambiente virtual do Moodle 49 pessoas, apenas 21 responderam ao questionário de avaliação final, gerando o gráfico abaixo.

Divisão dos respondentes por grupo temático

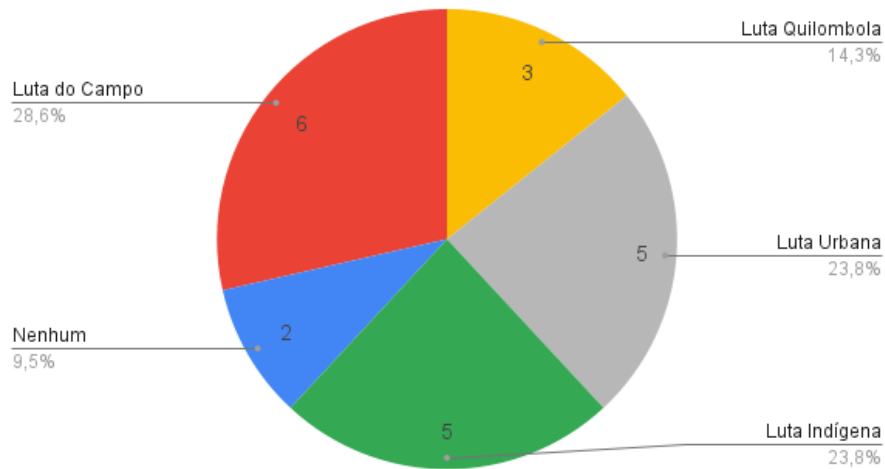


Figura 12 - Gráfico do grupo temático dos respondentes do formulário de avaliação

O total de participantes que se inscreveram nos grupos temáticos foi de 35 pessoas, divididas dessa forma: Luta Urbana (14); Luta Campesina (9); Luta Quilombola (6); e Luta Indígena (6).

Assim, a partir da análise do gráfico, podemos perceber que o grupo que mais se dedicou a responder as questões do formulário de avaliação do curso foi o grupo temático da Luta Indígena, representando ~83% dos inscritos; em seguida o grupo da Luta do Campo, representando ~66%; a Luta Quilombola representou 50% de seus inscritos; e por fim o grupo que menos se engajou na resposta do formulário foi o da Luta Urbana, representando ~35%.

Esse resultado nos surpreendeu, uma vez que esperávamos mais interação e mais dedicação do grupo com maior número de inscritos. Também fomos surpreendidos positivamente com o destaque das temáticas indígenas, campesinas e quilombolas, uma vez que acreditamos que nosso campo de atuação da educomunicação integrada aos movimentos sociais deve estar cada vez mais atento às perspectivas originárias, ancestrais e afrodiaspóricas, a fim de ultrapassarmos e superarmos a imposição do modo de ser-estar-viver do sistema hegemônico capitalista que coloca a cidade e a urbanização como sinônimos de desenvolvimento e progresso.

Por fim, houve duas pessoas que não se inscreveram nos grupos temáticos, mas que acompanharam as aulas e avaliaram o curso.

7.2.1. Avaliação do engajamento, aprendizado e motivação dos participantes

Para darmos início à análise, dividimos a explicação do questionário de avaliação pergunta por pergunta, para que seja possível identificarmos especificidades na formulação das respostas dos participantes. Dessa forma, passaremos então à análise quali-quantitativa do formulário de avaliação do curso.

A primeira pergunta foi feita pensando em identificar o efeito que o uso da plataforma online e da realização do curso em ambiente virtual teve na interação e no engajamento dos cursistas, sendo elaborada da seguinte forma: “O fato do curso ser oferecido por meio de plataforma online afetou, de alguma maneira, sua interação e engajamento?”.

Para que fosse possível traduzir essa pergunta em algo palpável, criamos uma legenda baseada nos princípios da escala Likert⁹, sendo: 1 - Afetou decisivamente; 2 - Afetou em partes; 3 - Não consigo afirmar; 4 - Afetou pouco ou quase nada; 5 - Não afetou nada.

Os resultados, segundo a figura 13, mostraram que o curso oferecido por meio de plataforma online afetou, em maior (1 e 2) ou menor (4) grau, a interação e engajamento dos cursistas, enquanto ~28,5% dos respondentes disseram não terem sido afetados de maneira alguma (5).

⁹ A Escala Likert é uma ferramenta amplamente utilizada em pesquisas sociais e de opinião para medir atitudes, percepções ou opiniões de indivíduos sobre um determinado tema. Ela foi desenvolvida por Rensis Likert, um psicólogo norte-americano, e consiste em uma série de afirmativas às quais os participantes devem responder, geralmente em uma escala de 5 ou 7 pontos. Essa escala é utilizada para quantificar respostas subjetivas e transformar atitudes em dados numéricos, facilitando a análise estatística e a comparação dos resultados.

I - O fato do curso ser oferecido por meio de plataforma online afetou, de alguma forma, sua interação e engajamento?

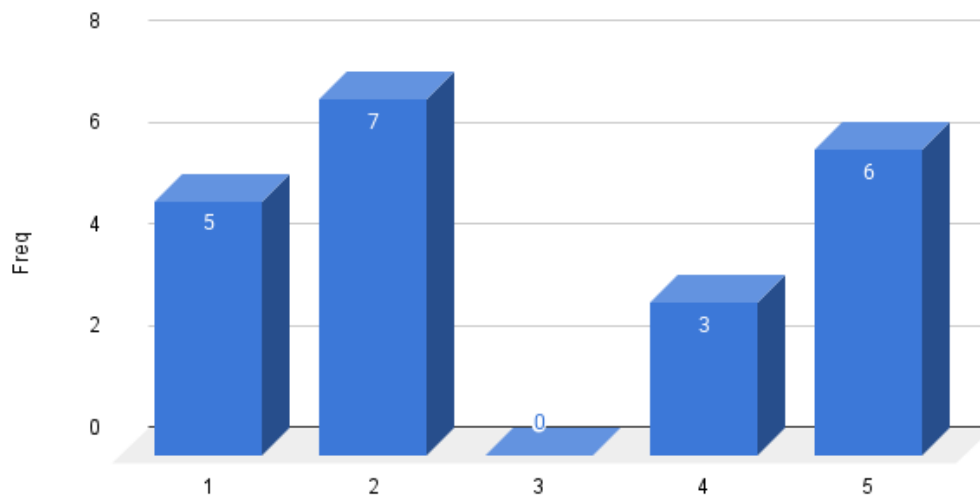


Figura 13 - Gráfico pergunta I do formulário

Ao pedirmos para que os participantes justificassem suas respostas na pergunta II, observamos que o viés do efeito que o curso oferecido de forma remota causou foi majoritariamente positivo, evidenciado pelas respostas: *“O formato remoto facilitou muito a minha participação por conta da possibilidade de conciliar o horário das aulas com outras atividades do meu dia a dia”*, ou *“A influência foi positiva. Considero que se fosse em outra modalidade, com encontros presenciais, por mais que seja da minha preferência, resultaria em uma dificuldade maior em acompanhar e participar do curso”*, e *“O curso ter sido oferecido como módulo online não só facilitou o acesso a aula mas viabilizou minha participação”*.

Observamos uma justificativa que, apesar de evidenciar o caráter positivo do curso online por não precisar se locomover até um lugar físico, relata ter dificuldade de engajamento e participação nesse formato: *“Por ter sido um curso online facilitou a participação de diversas pessoas e, no meu caso, não tirou tanto tempo da agenda por não precisar de traslado até um local. No entanto, sinto que tenho mais dificuldade de engajamento e interação com as pessoas através de eletrônicos”*. Também uma que evidencia os dois caracteres (positivo e negativo) do formato online: *“Afetou positivamente pela possibilidade de compartilhar com pessoas de outras regiões. Negativamente, foi no quesito interação, devido a timidez dos membros em serem não só receptores (exemplo, em abrirem suas câmeras e interagirem além do momento de fala)”*.

Também é interessante notar que quem respondeu afirmando que o formato não afetou de maneira alguma o engajamento e interação (5), também teve um viés positivo, evidenciado em: *“Na verdade, o fator online foi o fator positivo e fundamental que permitiu eu conseguir fazer parte do curso”*, ou em *“A plataforma on line não prejudicou engajamento ou interação”*.

Assim, essa primeira análise relativa à influência do formato do curso no engajamento e interação dos cursistas apontou que ela foi positiva na maioria dos casos, por aproximar pessoas de lugares diferentes, e principalmente por não ter que se deslocar até locais físicos, viabilizando uma maior participação. Enquanto isso, pelo viés negativo (ou não tão positivo assim), observamos que a possibilidade de um curso presencial poderia fazer com que se criassem relações mais aprofundadas, bem como uma maior interação dos cursistas com o curso e entre os próprios participantes.

Em sequência, a terceira pergunta foi feita pensando em identificar a qualidade dos temas propostos ao longo do curso e a qualidade da articulação desses temas, sendo elaborada da seguinte forma: *“O que você achou dos temas propostos e da articulação que o curso estabeleceu entre elas?”*.

A legenda que guiou as respostas foi: 1 - Não gostei dos temas e não achei boa a articulação; 2 - Gostei dos temas, mas não gostei da articulação; 3 - Não sei / Não consigo afirmar; 4 - Gostei da articulação, mas os temas poderiam ser melhores; 5 - Adorei os temas e achei as articulações muito boas.

Com exceção de um único participante, que votou “não sei/não consigo afirmar”, todos os outros participantes classificaram como muito boa a articulação e os temas, como aponta o gráfico abaixo.

III - O que você achou dos temas propostos e da articulação que o curso estabeleceu entre eles?

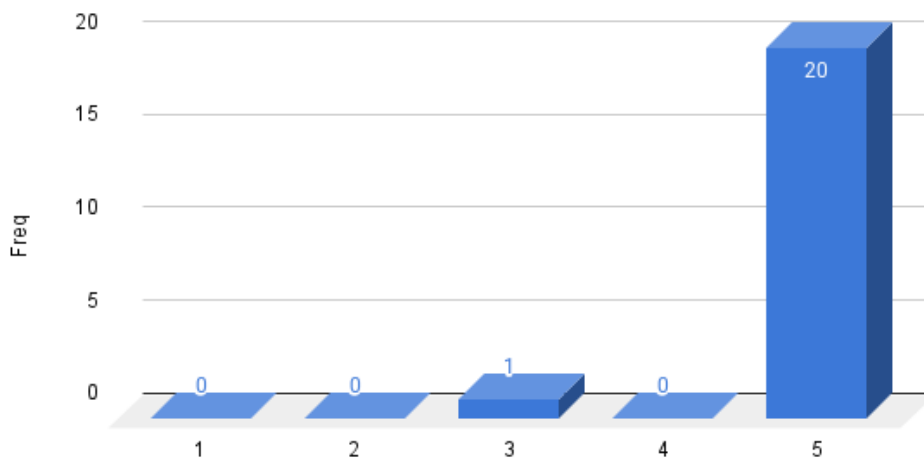


Figura 14 - Gráfico pergunta III do formulário

Quando pedimos para que justificassem, na pergunta IV, tivemos respostas diversas, mas todas demonstrando contentamento com os temas e articulações: *“Os temas propostos me trouxeram uma perspectiva mais clara sobre o que é de fato educomunicação e como ela se deve ser aplicada na transformação social”*, ou em *“Os temas dialogaram bastante entre si, abordando possibilidades de se pensar em educomunicação para movimentos sociais de forma ampla, mas não de forma vaga. As abordagens teóricas, mostrando a partir de onde estávamos pensando, e como relacionar a teoria com as práticas cotidianas foram de grande contribuição, contemplando diversas expectativas, intenções, projetos, individuais e coletivos”*.

Algumas justificativas que chamaram nossa atenção foram: *“Gostei dos temas e das articulações. Tiveram muitos exemplos práticos que me ajudaram a me conectar e compreender a importância dos conceitos apresentados e suas implementações no cotidiano”*, e *“Todas as propostas, aulas, explicações foram muito acessíveis. Foi um processo muito humanizado”*. Durante a concepção e estruturação do projeto, nos preocupamos bastante sobre a pessoalidade que deveríamos dar para o curso, e mais ainda sobre as explicações das teorias que abordamos, de modo a partirmos de um ponto em comum e avançarmos juntos. Ficamos contentes em possibilitar um processo humanizado e conectado com o dia a dia dos cursistas, principalmente ao utilizarmos a tecnologia enquanto mediadora das relações, a fim de aproximar e conectar, ao invés de afastar e individualizar.

Ainda, a participante que votou neutro justificou da seguinte forma: *“Não consigo dizer sobre a maioria dos temas discutidos por ter participado de uma aula só. Mas o dia que participei, achei o diálogo dinâmico e bem articulado. O tema proposto também foi bastante relevante”*, analisando o formulário como um todo, pudemos ver que essa cursista conseguiu participar apenas da aula 3 (três) “Mobilização Social e Educomunicação”, em que buscamos integrar os temas da primeira e segunda aulas, de modo a chegarmos no ponto da mobilização através da educomunicação, do que podemos (talvez) concluir que essa participante também achou interessante os temas das outras aulas, visto que houve uma recapitulação.

Por fim, chegamos à conclusão de que fomos bem exitosos nessa questão da proposição dos temas, da sua importância social, relevância e articulação, conseguindo ainda proporcionar um processo que dialogou com os interesses dos participantes e conseguiu aproximar as temáticas de seus cotidianos.

A pergunta V teve como objetivo analisar as dinâmicas propostas durante o curso para garantir o engajamento dos cursistas, elaborada assim: “O que você achou das dinâmicas propostas para garantir o engajamento do grupo ao longo do curso?”

A legenda que guiou essas respostas foi: 1 - As dinâmicas não motivaram o engajamento; 2 - As dinâmicas motivaram algum engajamento; 3 - Não sei opinar; 4 - As dinâmicas promoveram engajamento na maior parte das aulas; e 5 - As dinâmicas foram sempre motivadoras de engajamento.

Observando o gráfico abaixo, podemos identificar que a maior parte dos respondentes (~57%) relatou que as dinâmicas promoveram engajamento durante todo o curso, enquanto ~24% relataram que as dinâmicas promoveram algum engajamento ou que engajaram na maior parte das aulas (2 e 4). Deixando de lado a avaliação neutra, temos apenas 1 (um) participante que relatou que as dinâmicas não motivaram nenhum engajamento.

V - O que você achou das dinâmicas propostas para garantir o engajamento do grupo ao longo do curso?

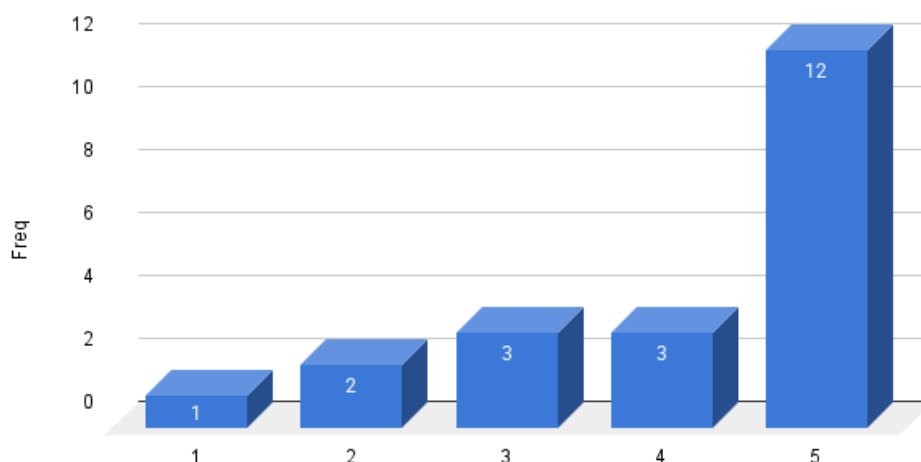


Figura 15 - Gráfico pergunta V do formulário

Apesar de não termos pedido justificativa para essa questão, podemos analisar uma resposta de outra pergunta (VIII), sobre o que faltou no curso, para identificarmos o motivo pelo qual houve uma resposta negativa acerca das dinâmicas: *“Dinâmicas direcionadas ou alguma atividade mais empolgante para impulsionar a interação, alguma proposta de continuidade ou de incentivo para que os grupos temáticos realmente se empenhem em atuar, o meu por exemplo não se interessou muito e me desmotivou”*.

A desmotivação dos grupos temáticos foi um ponto que observamos durante o curso, e que tentamos intervir de algumas formas, como dando exemplos práticos de como poderia ser feito o trabalho final, conversando e abrindo discussões durante as aulas e intervindo diretamente nos grupos de Whatsapp criados para a interação dos cursistas. Como já mencionado no trabalho, a ideia dos grupos temáticos e do trabalho final era promover o protagonismo, participação e diálogo dos participantes, deixando que eles assumissem a responsabilidade de identificar problemas relacionados ao grupo temático específico e de proporem em conjunto formas de abordarmos esses problemas utilizando os conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

Na última questão do formulário, dedicada ao feedback dos cursistas, essa participante aponta que: *“O grupo temático me decepcionou, acho que até tivemos boas orientações, mas sinto que faltou alguma atividade mais direcionada ou algum tipo de intervenção dos*

coordenadores para engajar os participantes, isso falando especificamente do grupo indígena”.

Algumas justificativas plausíveis para essa desmotivação, e também já levantadas durante o trabalho, são a possibilidade de que a explicação da proposta de trabalho final tenha sido vaga ou abstrata, apesar dos exemplos e diálogos sobre (o que não se concretiza na afirmação da participante, porém é necessário levantar essa possibilidade), a possibilidade da data da última aula ser às vésperas do Natal e Ano Novo, desmotivando a participação e engajamento no trabalho, ou mesmo a possibilidade dos cursistas terem pensado no trabalho final como um seminário ou algo complicado para a execução, que também estaria ligado à falha na exposição da proposta.

Não acreditamos ter sido uma desmotivação apenas do grupo indígena, uma vez que apenas o grupo da Luta do Campo se reuniu, dialogou e até mesmo tentou chamar convidados. Na apresentação da aula final, houve apresentação do grupo do campo e do grupo da cidade, que apesar de não ter se reunido, uma participante levantou temas e propostas, enquanto para os grupos indígenas e quilombolas, tivemos que intervir e levantar e discutir sobre problemáticas, momento em que houve engajamento e diálogo sobre essas questões.

De qualquer forma, a grande maioria assinalou que o curso e suas dinâmicas cumpriram a proposta de engajamento e interação, o que nos leva a crer na possibilidade da data da aula final tenha sido um grande fator de desmotivação, ainda corroborado por uma observação de feedback de um dos cursistas: *“Peço desculpas por não ter participado mais ativamente, infelizmente meu final de ano foi muito corrido. Gostaria muito que esse curso continuasse acontecendo nos movimentos sociais”*, mas ainda assim não foi possível para nós confirmarmos o peso desse fator.

Dando sequência para a análise do questionário, chegamos na pergunta VI, que tentou identificar o quanto os cursistas conseguiram se apropriar de novos conhecimento e saberes significativos, elaborada desse modo: *“Do ponto de vista dos conhecimentos que circularam a partir dos debates do curso, você considera que conseguiu se apropriar de coisas novas e significantes?”*

A escala Likert que guiou as respostas foi: 1 - Não consegui me apropriar de nada; 2 - Me apropriei de alguns conhecimentos; 3 - Não sei opinar; 4 - Aprendi e me apropriei da maior parte dos conhecimentos; e 5 - Consegui aprender e me apropriar de tudo.

Segundo o gráfico abaixo, podemos perceber que a grande maioria dos participantes conseguiu aprender e se apropriar dos conhecimentos apresentados (4 e 5), representando ~90%, enquanto o resto dos respondentes optou pela resposta neutra, não sendo possível medir o nível da apropriação dos conhecimentos por esses respondentes.

VI - Você considera que conseguiu se apropriar de coisas novas e significantes?

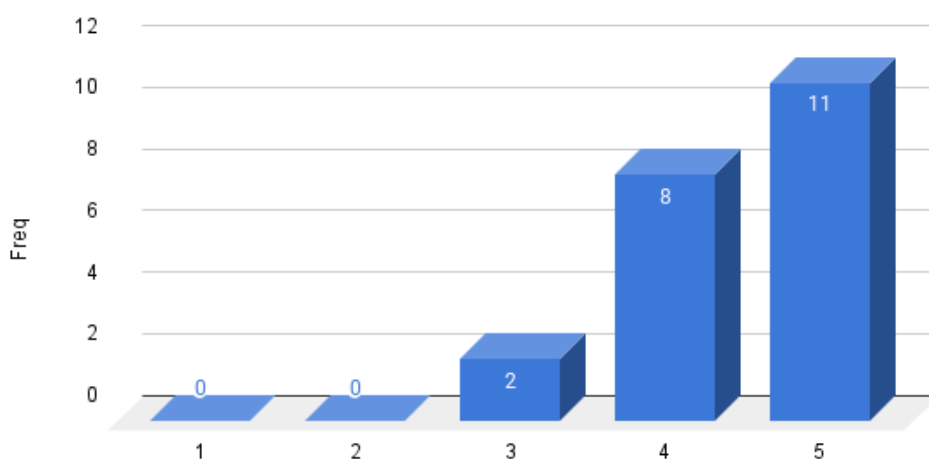


Figura 16 - Gráfico pergunta VI do formulário

Consideramos essa análise quantitativa um excelente parâmetro para apontar o cumprimento do grande objetivo do curso enquanto projeto de intervenção, que era o de criar condições para que os temas, conhecimentos e saberes discutidos ao longo do curso pudessem ser apropriados pelos cursistas, enriquecendo-os de coisas novas, interessantes e significativas para o processo tanto formativo, quanto de atuação desses sujeitos. Assim, podemos considerar que o objetivo praxístico do curso se cumpriu, pelo menos a partir da análise dos respondentes.

Por fim, a pergunta VII vai em direção à segurança e à motivação dos cursistas em compartilhar esses conhecimentos apropriados, a fim de verificar, não só a apropriação pessoal desses conhecimentos, mas também a capacidade de externalizar esse conhecimento. A pergunta foi elaborada da seguinte maneira: “Você se sente seguro(a) e motivado(a) para compartilhar os temas, dinâmicas, debates e conclusões que ocorreram ao longo do curso?”.

A legenda elaborada para guiar as respostas foi: 1 - Não me sinto seguro nem motivado; 2 - Não me sinto seguro, mas o curso me motivou; 3 - Não consigo afirmar; 4 - Me sinto parcialmente seguro e bastante motivado; 5 - Me sinto totalmente seguro e motivado para compartilhar.

A partir do gráfico abaixo, podemos validar, pelo menos em partes, a conclusão que chegamos a partir da análise da pergunta anterior.

VII - Você se sente seguro(a) e motivado(a) para compartilhar os temas, dinâmicas e debates que ocorreram ao longo do curso?

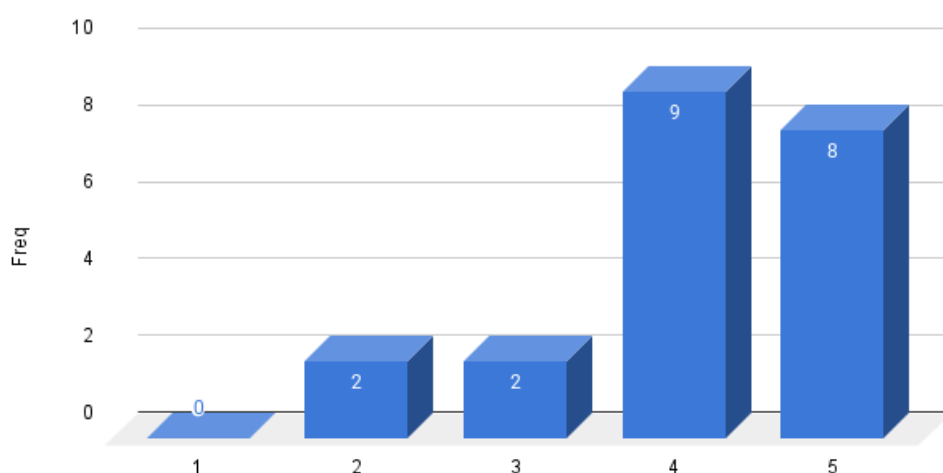


Figura 17 - Gráfico pergunta VII do formulário

Cerca de 81% dos respondentes apontaram que se sentem seguros e motivados para compartilhar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, com algum destaque para o “parcialmente seguro e bastante motivado” (4). Enquanto isso, temos duas pessoas que optaram pela avaliação neutra e outras duas que afirmaram não estarem seguras, mas que o curso os motivou de alguma forma.

Essa avaliação corrobora o cumprimento do objetivo geral da proposta de intervenção, sendo possível compreender a relevância dos temas, as potencialidades do formato, e principalmente o aproveitamento e contribuição que os conhecimentos abordados ao longo do curso, sejam teórico e/ou práticos, tiveram para cada participante, muitos sentindo-se seguros e motivados para explorar ainda mais as temáticas, e, esperamos, seguros e motivados o suficiente para incorporar esses saberes na sua atuação educacional, profissional e/ou militante.

7.2.2. Outras avaliações qualitativas e *feedbacks*

Partiremos agora para as análises das perguntas abertas do questionário, sendo elas: VIII - “O que você acha que faltou no curso e que não poderia faltar? Justifique”; IX - “Quais temas, dinâmicas ou ideias oriundas dos debates no curso você considera possível ser incorporada na sua atuação como educador e/ou militante? Justifique”; e X - “Escolha pelo menos 3 palavras que podem resumir sua trajetória e experiência durante o curso. Explique o porquê você escolheu essas palavras”.

Seguiremos as análises na ordem de organização do questionário, sendo então a oitava pergunta uma tentativa de identificarmos pontos de melhoria do curso. Muitos respondentes afirmaram que não conseguem opinar sobre esse ponto, outros disseram que não sentiram falta de nada, porém, o que nos interessa nessa questão são as críticas, então partimos para elas: *“Embora os espaços de troca tivessem disponíveis, deixo de sugestão dar mais estímulos aos participantes em adaptarem juntos o distanciamento empático do ambiente virtual, de maneira convidativa (abrir câmeras, lançar mais perguntas)”*; *“Faltou mais tempo para elaborar os grupos temáticos. E seria maravilhoso se houvessem mais encontros. As aulas foram ótimas, imagino que se houvessem uma continuidade, seria ainda melhor”*; e *“Não penso que necessariamente faltou, a proposta do curso foi de ser realizado no tempo que levou. Mas o curso poderia, tranquilamente, ser pensado e realizado contando com mais encontros, tendo um tempo maior de duração”*.

Como já havíamos analisado anteriormente, houve um certo distanciamento entre os cursistas, mesmo com espaços de diálogo e compartilhamento abertos, os cursistas não se apropriaram dos fóruns, por exemplo, e pouco abriram as câmeras durante as aulas. Concordamos com essa crítica, a interação não foi como planejamos, mesmo com o incentivo por nossa parte, no entanto, ainda houve vários participantes que interagiram e compartilharam das discussões e diálogos, o que fez com que o curso corresse de uma boa forma.

Ainda, os respondentes afirmaram categoricamente que o curso poderia ter mais aulas, para que houvesse um maior aprofundamento e aproveitamento. Optamos por apenas quatro aulas, tanto por conta da data em que faríamos, quanto pela temática ser apenas introdutória, não pretendendo esgotar os temas e assuntos (uma vez que carecem de aprofundamento acadêmico, como observamos na justificativa do presente trabalho). Foi também levantado o

ponto de que faltou tempo para elaborar os grupos temáticos, o que pode ser mais uma das possibilidades para a falta de motivação da atividade final, não levantada por nós anteriormente.

A pergunta nove teve como objetivo identificar de que modo os participantes pensaram em aplicar os conhecimentos apropriados do curso na sua atuação enquanto educador e militante, e tivemos respostas bastante interessantes, como: *“Na primeira aula, ao discutirmos a importância da linguagem informal – muitas vezes vista como incorreta por alguns, mas essencial para mobilizar, comunicar e denunciar –, me questionei sobre como integrá-la à minha atuação profissional. Por trabalhar com consultoria e lidar frequentemente com termos técnicos, tenho enfrentado o desafio de transformar essa linguagem de modo a comunicar em eventos ou redes sociais de forma mais acessível. Meu objetivo é aproximar as pessoas, demonstrando a relevância do planejamento estratégico, da teoria de mudança e da avaliação de impacto social, sem criar barreiras na comunicação. O curso me deu ideias e referenciais para fazer isso”*.

Essa resposta ligada principalmente à comunicação, aponta a temática que mais se repetiu nas respostas, como em: *“Acho que vários, mas o que mais pontuaria seria a parte de utilização de métodos e formas de trabalhar a comunicação afim de ajudar as pessoas a identificarem fake News e buscarem averiguações com questionamentos lógicos”*, ou em *“As discussões sobre comunicação e linguagem, a abordagem sobre as questões a serem denunciadas pelos grupos e a própria dinâmica de atividades em grupo, pesquisando conflitos ou contradições em grupos/regiões e expor isso em forma de denúncia”*.

Também houve respostas voltadas para a comunidade: *“Sou coagricultora e acredito que posso contribuir com a educomunicação da comunidade Agroecológica, transmitindo o debate realizado no curso e praticando com eles interna e externamente à comunidade. Por exemplo, o debate sobre juventude e criarmos espaço pra falar sobre a transição de gerações que eles estão vivendo agora”*, e sobre educação e ancestralidade: *“A importância da educação e da visão ancestral para combater a forma de pensamento dos dias atuais”*.

Concluimos essa questão reconhecendo a importância e necessidade de ser pensada a comunicação nos diversos espaços e contextos, principalmente uma comunicação capaz de aproximar ao invés de afastar e de pensar a integralidade das relações e conhecimentos, a fim de empoderar as comunidades com uma comunicação/educação voltada para a transformação social e integração com os saberes ancestrais.

Por fim, a última pergunta do questionário sobre o levantamento de palavras que podem traduzir a experiência dos participantes ao longo do curso apontou algumas palavras-chave essenciais para nosso trabalho, sendo elas: conhecimento, educação, comunidade, envolvimento e aprendizado, apontadas nas seguintes declarações: *“Envolvimento, paciência, popular. Escolhi essas palavras com base no meu ponto de vista em relação aos educadores que construíram um curso de fato popular, onde foi estimulado com muita paciência o envolvimento de todos”;* e *“Resiliência, comunidade e potente: Resiliência é a capacidade do ser humano responder de forma positiva às demandas da vida quotidiana, apesar das adversidades que enfrenta ao longo de seu desenvolvimento. No curso, percebi que ele reforçou a resiliência em mim, à partir dos outros alunos e professores ali presentes, engajados por mais conhecimento e motivados em fazer cada vez mais e melhor. Comunidade: Foi um encontro muito bom e com um senso de comunidade muito forte. Não a toa o grupo do whatsapp continua super ativo, mesmo depois do fim do curso. Potente: O curso foi uma potência que, para além do trabalho de conclusão de curso, evidencia o compromisso do Guilherme e da Thaynara em devolver para a sociedade os aprendizados e o dinheiro investidos em suas formações universitária”*.

Também apareceram palavras relacionadas à esperança, um dos pontos essenciais para nossa atuação cotidiana e ancorados no esperar de Paulo Freire, *“Gratificante, Realista, Esperança. O curso abordou de forma franca a cosmologia ampla do tema do curso, justificou sua importância histórica e social e compartilhou conhecimentos que nos ajudam a pensar ações práticas de qualidade”*.

Outras justificativas interessantes que aparecem foram: *“Aprendizado, pois o conhecimento é algo a ser trabalhado afim de libertação. Questionamento, com o questionamento a educomunicação faz com que o aluno se auto gere [sic] e saiba identificar e questionar o mundo ao seu redor e a manipulação a que somos submetidos. Interação, sentido que deve nortear o aprendizado e o questionamento a partir das vivências e realidade das pessoas, aproximando e gerando mais engajamento e atuações por afinidades e afetos”;* *“Conhecimento. Aprendizado. Euforia. Escolho essas três palavras de forma a resumir o que significou pra mim esses encontros. Saía eufórica e com a cabeça fervilhando a partir do conhecimento adquirido e das possibilidades que isso me abria para aprendizados e práticas importantes pra minha vida pessoal e profissional!”*; e *“Conhecimento, diversidade e dinâmica. Foram assuntos profundos de formas diversas de conhecimento em um curso com*

uma dinâmica muito bem elaborada e necessária para aumentar repertório de diálogos necessários e urgentes.”

Por fim, gostaríamos de deixar registrados dois comentários de reconhecimento do trabalho, e que nos deixaram bastante contentes: *“Fiquei muito feliz de participar do curso. Conhecer a Educomunicação pautada nos movimentos traz conhecimentos muito valiosos pra construir sociedade. Obrigada, e parabéns a todes e bom final de ano!”*; *“Adorei o curso, além dos momentos teóricos, conceituais, gostei muito da sensibilidade e cuidado que foi apresentado. Mostrando a atenção para a significação do que foi compartilhado nesse momento a partir dessas conversas feitas com cuidado, com momentos de escuta atenta e respeitosa. O que, penso eu, ser fundamental para pensarmos uma comunicação, independente dos objetivos, mais honesta. Não mencionei até aqui o Gui e a Thay, mas sem dúvida o curso apresentou bastante de como eles se manifestam no dia a dia e isso foi fundamental para o curso ser como foi. Obrigada, queridxs”*.

Assim, a análise que fazemos é que o curso foi percebido e reconhecido enquanto um espaço de reflexão crítica e aprendizado voltado às mudanças concretas na sociedade, especialmente ligadas à justiça social e luta por direitos. Também identificamos que a abordagem didático-pedagógica foi descrita como democrática, promovendo a interação, o pensamento crítico e a autonomia dos alunos, e para além do aprendizado teórico, o curso proporcionou possibilidades de atuação prática que estimularam, de certo modo, o engajamento em questões sociais e profissionais.

Por fim, a análise pergunta por pergunta mostra que o curso foi bem avaliado e valorizado pelos participantes, com destaque para a relevância dos temas e a aplicabilidade prática dos conhecimentos. As críticas construtivas sugerem alguns ajustes no formato, como maior tempo para interações e a possibilidade de encontros presenciais. As respostas também demonstram o caráter transformador, acolhedor e educativo do curso, bem como o senso de pertencimento e a motivação para aplicar os aprendizados, que foram marcantes, indicando o sucesso da metodologia adotada no curso.

Em resumo, acreditamos que os principais objetivos do curso foram concretizados, e nos sentimos mais do que satisfeitos com os resultados, o que também nos motiva para pensarmos futuras aplicações do projeto de intervenção, que exploraremos no próximo capítulo.

8. FUTURAS APLICAÇÕES DO PROJETO

Desde que pensamos a aplicação do curso pela primeira vez, a proposta surgiu para que ele pudesse ser mais do que um trabalho de finalização de curso. A ideia era criar uma forma de integrar o curso de Licenciatura em Educomunicação aos Movimentos Sociais dos quais fazemos parte.

Com base na experiência do curso, imaginamos uma possibilidade de ampliação para um Curso de Realidade Brasileira (CRB).

O CRB é uma iniciativa de formação política gratuita promovida por movimentos sociais, como o MBP e o MST, com o objetivo de formar militantes, educadores, lideranças e apoiadores populares para refletirem sobre as contradições estruturais do Brasil e atuarem dentro das suas áreas de formação para a transformação social. O curso aborda uma análise crítica complexa, aprofundada na realidade a partir da economia, cultura e política. De maneira participativa, os CRBs também desenvolvem formação social e política, discutem conjuntura, o papel dos movimentos na luta contra as desigualdades, estratégias de organização e mobilização popular.

O nosso curso atendeu várias das expectativas em relação à integração da educomunicação com os movimentos sociais, conseguimos agrupar pessoas de diferentes gêneros, idades, etnias, comunidades e áreas de formação.

A nossa proposta seria a de transformar o curso em um CRB, buscando implementar a educomunicação como um eixo central aprimorando o que já tem sido feito, para que as lacunas de organização e formação possam ser analisadas e apresentadas a partir de uma perspectiva voltada para o combate à desinformação e o uso de mídias digitais, alinhados com as etapas do CRB, tais como análise da formação social brasileira, lutas históricas e construção de alternativas populares para o combate ao sistema opressor capitalista.

Por fim, a possibilidade de posterior desenvolvimento do projeto também pode capacitar educadores e militantes com interesse em atuar como multiplicadores, formando seus próprios cursos e aplicando as metodologias em seus territórios. Integrar nosso curso ao CRB só fortalece a autonomia pedagógica e a capacidade de organização dos movimentos sociais.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as considerações finais, destacamos a relevância do curso como uma tentativa de contribuir para transformações significativas na forma de nos entendermos como sujeitos capazes de fazer do mundo um lugar melhor.

Essa experiência não só cumpriu seus objetivos, como também abriu caminhos para novas possibilidades de articulação a partir dos saberes ancestrais, saberes esses que foram tomados e marginalizados pela colonização, mas que resistem e podem nos ajudar a trilhar nosso caminho de transformação social verdadeiramente democrática e harmônica.

Os movimentos sociais são parte importante da nossa trajetória como seres políticos, e a educomunicação é uma possibilidade de transformar esses espaços, de fazer a luta ultrapassar o sentimento de injustiça e se tornar ação. Ambos, juntos, são capazes de mover as estruturas sociais a favor do povo que tem direito de viver se alimentando bem, com direito a lazer, com casa, segurança e qualidade de vida.

Por fim, damos por encerrado esse relato do projeto de intervenção social muito felizes e satisfeitos por essa concretização. Este é apenas um pequeno primeiro passo rumo a algo que acreditamos e que devemos nos aprofundar, a fim de alinharmos nossas forças em direção ao poder popular que temos no horizonte, que nos moveu até aqui, e que nos move todos os dias sonhando rumo ao Bem Viver.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. Editora Perspectiva 2008.
- BISPO, Nego. *Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>>. Acesso em: 7 dez. 2025.
- BRANDÃO, Leci. *Zé do Caroço*. In: Coisas do meu pessoal. Gravadora PolyGram, 1978. Faixa 4.

- CASTELLS, Manuel. *Movimentos sociais para mudar o mundo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RJY4YZ17pVE>>. Acesso em: 1 dez. 2024.
- CITELLI, Adílson; COSTA, Maria Cristina C. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção educomunicação).
- CONSANI, Marciel. *Educomunicação: o que é e como fazer*. São Paulo: Contexto, 2024.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como práxis política*. São Paulo: Summus, 1988.
- KAPLÚN, Mário. *Una pedagogía de la comunicación popular* (el comunicador popular). La Habana : Editorial Caminos, 2002.
- KERCKHOVE, D. de. (2015). *E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico*. MATRIZES, 9(1), 53-65.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Que Fazer? Problemas Palpitantes de Nosso Movimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A Comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 12ªed., 2021.
- MENTIMETER. *Mentimeter*. Disponível em: <<https://www.mentimeter.com/pt-BR>>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.
- MORIN, Edgar; DÍAZ, Carlos J. D. *Reinventando a Educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade*. São Paulo: Palas Athena, 2016.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

- MOURA, D.; MOURA, H.; FILGUEIRAS, G.; FREIRE, S. NEGREIROS, F. & MEDEIROS, E. *Fear of missing out (FoMO), mídias sociais e ansiedade: Uma revisão sistemática*. 2021. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 11(3), 147-168.
- PERUZZO, Cicilia M. *Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2022.
- RÁDIO NOVELO APRESENTA. *Narradores não confiáveis*. Episódio do podcast Radio Novelo Apresenta. Publicado em 10 jul. 2023. Disponível em: <<https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/narradores-nao-confiaveis/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2024.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: Modos e Significações*. Brasília: INCT, 2015.
- SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. *Teoria Matemática da Comunicação*. Editora Cultrix, 1975.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato: revista brasileira de comunicação, arte e educação*, ano 1, n. 2. Brasília: Senado Federal, 1999.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- TORO, José Bernardo. *Mobilização Social: Um Modo de Construir a Democracia e Participação*. Brasília: Ministério da Justiça, 1997.